

ESTA É A 888ª PEÇA NACIONAL PUBLICADA POR ESTA
"REVISTA DE TEATRO"

“BELLA CIAO”

Peça em dois atos de ALBERTO DE ALBEU.



PERSONAGENS:

Francis Barachetta
mulher

Alfonsina e José — mesmos atores

Luís — mesmo ator

Maria e outros — mesma atriz

Ribeiro e outros — mesmos atores

Luís — mesmo ator

A distribuição foi feita pelo diretor Roberto Vignani no espetáculo realizado no Teatro Tália, em São Paulo, onde a estreia aconteceu em outubro de 1982.

No programa distribuído quando da estreia da peça, “Bella Ciao”, estão as palavras de seu autor, Alberto de Albeu que, agradecendo a colaboração de todos que acompanharam e ajudaram aquela viagem, explora o desenvolvimento do trabalho que visa a ser um dos grandes sucessos da produção teatral em nosso país.

O processo de trabalho de “Bella Ciao” iniciou-se no final de 1980 quando a equipe trabalhadora, depois de anos de silêncio forçado, solidificou um núcleo dentro do espaço político nacional. E a partir daí a necessidade de trabalhar aprofundando a busca pela realidade que palpitava nas ruas. A equipe de realizadores um trabalho teatral sobre as condições de trabalho estádo pelo diretor e co-autor, Edgardo Franco e logo ganhou corpo nas reuniões, nas leituras, nas primeiras esboços do texto e, principalmente, nas reuniões e encontros com grupos sindicais, principalmente da região do ABC.

O texto “Bella Ciao” resultou incompleto em agosto de 81 e suas pesquisas e discussões foram retomadas juntamente com Celso de Lencastre no decorrer desse ano, sendo que sua relação final aconteceu em princípios de junho.

Uma montagem muito também o fez realizado com o diretor Roberto Vignani que, em

princípios de década de 70, ministrou curso e dirigiu “Tempo dos Inocentes e Tempo dos Culpadis” com o Grupo de Teatro Amador Doss e Salgado, de São Bernardo do Campo, do qual eu era integrante. Devo em grande parte ao trabalho desenvolvido por Roberto Vignani, durante quase dois anos no ABC, a minha paixão pelo teatro.”

RELAÇÃO DE PRÊMIOS CANNES POR BELLA CIAO EM 1982 EM SÃO PAULO:

APCA

Melhor espetáculo do ano

Melhor texto: Alberto de Albeu

Melhor diretor: Roberto Vignani

Melhor cenário e figurino: Orsato Chamão Jr.

Melhor direção musical: Solano de Carvalho

Melhores Atores: Mário Cesar Monteiro, Celso de Lencastre, Christiane Travenço, Celso de Lencastre, Eduardo Machado, Rosely Grolman, Carl Amara.

MAMMENSE

Melhor espetáculo do ano

Melhor autor

Melhor produção: Grupo Arte Viva do Teatro

Melhor revelação de ator: Mário Cesar Monteiro

MOLIÈRE

Melhor autor: Alberto de Albeu

BELLA CIAO

1º ATO

CENA 1 — ABERTURA

PALCO: ÀS ESCURAS, SOBRE FOGO EM CARMELA QUE COMEÇA A CANTAR "BELLA CIAO". LOGO TODOS OS ATORES DO ESPETÁCULO VÃO ENTRANDO NO FOGO E TAMBÉM COMEÇAM A CANTAR "BELLA CIAO". A ATRIZ QUE PARÁ LUCHINA "BUONAGAMBA", FICA NUM PLANO MAIS AFASTADO, QUANDO TERMINAM DE CANTAR, OUVI-SE UM SINO TOCANDO.

CAMPONESES 1 — Ringraziamo molto!

CAMPONESES 2 — Per questa poca miseria.

CAMPONESES 1 — Non basteremmo!

CAMPONESES 2 — Per la terra que non ho, Per i denari que non ho.

CAMPONESES 1 — Ma vè all'interno Brutto!

CAMPONESES 2 — Brutto, no, lo ringrazio molto. COLOCA AS MÃOS EM PRECIO Ringraziamo te Brutto. Per la terra di Luchina (ALGUÉM RINHA, APLAUDEM) Per la gente di Luchina! (VAI EM DIREÇÃO AO CAMPONESES 1, COMO SE ESTE FOSSE UMA MULHER)

CAMPONESES 1 — Fuori!

CAMPONESES 2 — Vieni, Luchina! CAGAR NA CAMPONESES 1! Lasciami prendere i tuoi seni, Luchina. Lasciami stringere la tua gente, Luchina! (CAMPONESES 1 TENTA SE SOLTAR, OS OUTROS RIEM)

CAMPONESES 1 — Disgraziato Anzi!

CAMPONESES 2 — ECHORAMINGANDO CÔMICAMENTE! Non, me non far così, Luchina mia. Tu rompi il mio cuore! ("PAZZO", O LOUCO DA ALDEIA, ENTRA CORRENDO)

PAZZO — Stai venendo, stai venendo!

CAMPONESES 2 — Chi viene, o Pazzo?

PAZZO — Luchina! (E! Luchina "Buonagamba"! (DESCREVE COM GESTOS O QUANTO ELA É BOA)

CAMPONESES 2 — Ehi, Pazzo, vieni qui, Luchina dice que ti ama. Che vuole darti um bacio. (PAZZO, NÃO ACREDITA, FICA FASCINADO, ENCANTADO, APAIXONADO! Anzi, Pazzo, Stai venendo! OS ATORES ABREM O CÍRCULO, E DO FUNDO VEM LUCHINA, PAZZO FICA NO

SEU CAMINHO, ENQUANTOS OS OUTROS SE AFASTAM OBSERVANDO)

LUCHINA — (CHEGANDO) Ehi, che è successo, Pazzo?

PAZZO — Ehi, Pazzo.

LUCHINA — Caro, che oggi tu sei più pazzo!

PAZZO — Ehi, dammi.

LUCHINA — Cosa vuoi?

PAZZO — Um bacio.

LUCHINA — Como?

CAMPONESES — Bacio, Luchina, Bacio!

LUCHINA — (EMPURRANDO PAZZO) Vê via! Vê via!

CAMPONESES 2 — "Buonagamba", elas é venuto, Lasciami vedere la tua gente.

LUCHINA — Vê vedere la gente di tua madre, ostinar! (SE AFASTA)

PAZZO — (INDO ATRÁS) Um bacio, Luchina!

CAMPONESES — (SE APROXIMANDO) Luchina "Buonagamba"...

CAMPONESES 1 — Luchina "Buonagamba"...

CAMPONESES 2 — Luchina "Buonagamba"...

GIOVANNI — (EM OUTRO PLANO) Io voglio dormire con lei! (E SAUDOSO, OS ATORES SE AFASTAM) SOUTRO TOM! Esta é a história de um sonho. De um grande sonho de um pequeno homem. (VIRA-SE PARA CARMELA QUE ESTÁ ATRÁS CHORANDO)

CENA 2 — DECISÃO DA PARTIDA

GIOVANNI — Não Non piangere più, Carmela. Per la Madonna, non piangere più, mia bella. Partiamo e ritorniamo presto.

CARMELA — Io ho paura. Questa è la nostra terra!

GIOVANNI — Che nostra terra! Questa terra è del figlio di una grande puttana che si chiama Don Antonio. In Brasile teremo nochi, In Brasile il nome di Giovanni Barachetta sarà rispettato.

CARMELA — Ma, Giovanni, el povero ha la stessa

faccia in tutti i posti del mondo.

GIOVANNI - VÉ... Dio in cielo é grande, Carmela.

CARMELA - Sì, má...

GIOVANNI - Ascolta, mia bella, andiamo a lavorare terra nostra, il grano sarà nostro, il pane sarà nostro. Il Brasile é una terra piena di abbondanza e avremo altri figli. Tutti uomini, tutti forti. Allora bella, mia bella Carmela, non piangere più, ah! Andiamo in Brasile!

CARMELA - (ISOLUÇANDO) Ma, Giovanni...

GIOVANNI - Non piangere Carmela, non piangere più... Guarda... (TOMA-A PELA CINTURA E COMEÇAM A DANÇAR) Aspetta Brasile, che Giovanni Barachela stá arrivando per avere la sua terra e piantare il caffè, Avar pane, vino e formaggio in tavola, insieme a soldi in tasca. OS ATORES VÃO SE APROXIMANDO, GIOVANNI PARA DE DANÇAR)

CENA 3 - DESPEDIDA DOS AMIGOS

GIOVANNI - Amici Giovanni senza terra vó far l'Andáric (PARA ANDREONE, QUE ESTÁ CHEGANDO) Andreone! Amico, Andreone.

ANDREONE - Perché questa confusione?

GIOVANNI - Sono io, Giovanni, Giovanni, no, Don Giovanni che parte per l'Andárica e ritorneré ricco.

ANDREONE - E bisogna fare tutto questo clamore?

GIUSEPPE - (ENTRANDO) Che succede, Andreone?

ANDREONE - Giovanni parte per l'Andárica.

GIUSEPPE - Ma...

GIOVANNI - É vero, Giuseppe, parte per il Brasile.

CARMELA - Giuseppe, per l'amor di Dio aiutami. No voglio lasciare l'Italia.

GIUSEPPE - Non andare, Giovanni.

GIOVANNI - Vado, Giuseppe.

GIUSEPPE - Luigi é già andato, Graziano é già andato, Romano anche. Non andare, Giovanni.

GIOVANNI - Vado, Giuseppe, vado.

GIUSEPPE - Ma non andare, la povera Italia resta

senza il suo idola. (TODOS RIEM, CARMELA DESCOBRE QUE SEU FILHO, GENNARINO NAO ESTÁ ALÓ)

CARMELA - Dio mio... Dov'è Gennarino? Dov'è questo bambino? (CHAMA) Gennarino! Dato questo Criminale! No, criminale é tuo padre. Ah, che Don Antonio é un criminale. Il Governo é criminale. Il Papa in Vaticano é un criminale. E tu che lo madre del Papa, il padre del Papa, il nonno del papa... Tutti criminali (SAI ATRÁS DE GÊNARINO) Gennarino!

ANDREONE - Ecco! Stai attento, Giovanni. Non andare che l'Italia resta senza il suo idola.

GIOVANNI - Resta nel fu.

ANDREONE - (COM O RUÍDO CARACTERÍSTICO) Fannullonia per te! (SE AFASTA)

GIOVANNI - Bruta balélar! Vieni qui che ti spaccio la faccia. Figlio di un cane.

ANDREONE - Ma ché spacio. Che spacio. Spaccio niente.

GIOVANNI - Degnarien. Quando torneré in Italia più ricco che il Re Vittorio Emanuele e vi mostrerò io.

ANDREONE - (NO MEIO DOS OUTROS) Vó fi'n culo. VÉ.

GIOVANNI - (IRRITADO, VAI REAGIR MAS DESISTE) Io no, io no fi'n culo sí, no io no fi'n culo in Brasile non come voi in questa merda di paese. (SAINDO) Benté... Ignoranti...

ANDREONE - (ENTRANDO NOVAMENTE) Ehi, Giovanni.

GIOVANNI - (IRRITADO) Cosa c'è?

ANDREONE - Vó com Dio, amico. Auguri. Buona fortuna. Ritorna presto, ah?

GIOVANNI - VÉ, vó, Andreone. Grazie. Il mio cuore soffia. Ma non posso restarci Per la Madonna. Andreone, ho padre di partire e morire un pò e ho padre di restare e morire del tutto. OS ATORES CANTAM O FINAL DE "BELLA CIOCI". ENTRAM COM OBJETOS QUE LEVARÃO NA VIAGEM. GRANDE MOVIMENTAÇÃO. ESTAMOS NO PORTO. CARMELA TAMBÉM ENTRA. GIOVANNI SE DESPEDE DOS PAIS)

CENA 4 - DESPEDIDA DA ITÁLIA

PAI - Ma figlio...

GIOVANNI - No, Papá, per piacere, non parlar di morte, lo ritorneró presto. Il signore é più forte.

MÃE – Filho mio...

GIOVANNI – (EMOCIONADO) Mammi! Mammi! Per piacere, non piangere più. Tornerò presto. È rosso, eh?

PAI – Tutti i giovani partono. L'Italia resterà un paese di vecchi.

ANDREONE – (APARECENDO) È, vecchia, tu devi fare altri figli.

PAI – Io? COLHA PRO SEXO MÊ, Andreone, questo velho non dá più fruto. IRREM. AFITO DA PARTIDA DO NAVIO

GIOVANNI – (PARA CARMELA QUE SE APROXIMA COM ALGUMA CORSA) Ehi, Carmela, dov'è Gennarino. Chama Gennarino che il nonno vuole parlare questo bambino.

CARMELA – (SAINDO) Gennarino! Presto che la nave parte.

GIOVANNI – (ABRAÇADO A MÃE) Si, mamma, lo servirò.

PAI – (QUANDO GIOVANNI ABRAÇA) Ringraziate tutti tutti? Mâ che, l'Andrèa ne hà tutti questi soldi.

CARMELA – (FORA CHAMANDO Gennarino) La nave parte. (AFITO DO NAVIO, TODOS OS ATORES VÃO SE JUNTANDO E TODOS FICAM NO CONVÉS DO NAVIO QUE PARTE. O BLOCO DE EMIGRANTES SE DESPEDE)

GIOVANNI – Addio, Papá, Addio, Mamma, Si, Mamma, há muita coisa de mangiar. Um bacio, Addio, Mamma.

CARMELA – Addio, filha. Addio. FLENCOS SÃO AGITADOS

GIOVANNI – (SAINDO, EMOCIONADO) Addio, filha. OS EMIGRANTES COMEÇAM A ARRUMAR SUAS COISAS, SENTAM

CARMELA – CANTA
Addio, bella filha, partimos
com o dia de voltar
marcado no coração.

Não vai a sol dando cor
aos seus campos na primavera,
nem a tua luz branca
indicando o caminho ao pastor.

CORO
Addio, bella filha, partimos...

CARMELA
Mas também por Dio, não vamos sentir mais

a frio da neve em seu inverno,
nem soldados ameaçando nossos campos
e comendo nossa colheita.

OUTRA MULHER
Meu coração já sente saudade
de ar de suas montanhas,
do cheiro de sua terra
e de abraço ao pé do monte.

CORO
Addio, bella filha, partimos...

CARMELA
Mas também, por la Madonna, la teremo
nostre vasi e nostra terra.
È o toro do leite que aqui comemos
com polenta, la vai servir pra
engordar os nossos porcos.

CORO
Addio, bella filha, partimos
com o dia de voltar
marcado no coração.

VOZ – (GRAVADA, VINDO DE UM AUTO-PALANTE) Attenzione! Attenzione! Todos os emigrantes saiam do convés. Todos os emigrantes pro porto do navio.

CENA 5 – O MERCADO HUMANO NO PORTO DE SANTOS

CARMELA – Dio benedictur Arriviamo!

GIOVANNI – Brasil, é arrivato, Giovanni!

HOMEM 1 – Quanto é Brasil? Mâ vê!

HOMEM 2 – Dopo quaranta giorni in mare tutta la terra sono buona.

CARMELA – Gennarino!

AGENCIADOR – Quem é Pietro Gotti?

HOMEM 2 – Sono io.

AGENCIADOR – Quanto enxada?

HOMEM 2 – Senta, io, mia moglie, três figli e due bambini.

AGENCIADOR – Certo. Qual a idade dos filhos?

HOMEM 2 – Otto, dieci, venti, vent'uno e venti due.

AGENCIADOR – Certo. Domenico Cucinella?

HOMEM 1 – Sono io, signore.

AGENCIADOR – Quanto enxada?

HOMEM 1 – Sé, lá, mia moglie e quattro figli.
AGENCIADOR – Que idade tem o mais velho?

HOMEM 1 – Dois anos, signora.

AGENCIADOR – O que é que eu vou fazer com o senhor e quatro crianças na fazenda? (APALPA O HOMEM) O senhor não me parece ter muito saúde, Giovanni Barachetta?

HOMEM 1 – Me, signora, io bisogno de lavorare.

AGENCIADOR – Giovanni Barachetta?

GIOVANNI – Sono lá.

HOMEM 1 – Ita signora...

AGENCIADOR – (PARA O HOMEM) Espere que no fim a gente conversa. (PARA GIOVANNI) Quantas crianças?

GIOVANNI – Três, lá, mia moglie e il bambino, Germano. Egli ha solo cinque anni.

AGENCIADOR – Um filho só?

GIOVANNI – É, signora... io sono giovane... non ho avuto tempo... ma sono forte! Lavoro molto! Quante braccia alcano un quintale! Anche mia moglie é forte.

AGENCIADOR – (DEPOIS DE OLHAR GIOVANNI DE ALTO A BAIXO) Bem, Carlo Pagotin?

EU? COMEÇA A CAIR, OS IMIGRANTES ABANDAM SEUS PERTENCES)

AGENCIADOR – (SAINDO) Carlo Pagotin?

HOMEM 1 – É lá, signora? (AGENCIADOR E IMIGRANTES SE DIRIGEM AO CANTO DO PALCO) Lazzarotti!

OS EMIGRANTES INICIAM O TRABALHO NA TERRA)

GIOVANNI – Certo! (PAUSA, CONTINUA TRABALHANDO) Mas che fortuna! (PAUSA, CONTINUA TRABALHANDO) Porco maldiz (RESMUNÇA)

CARMELA – Que sucede?

GIOVANNI – Tutti imbecilli!

HOMEM – Ché?

GIOVANNI – Escut! Tutti imbecilli! Lá, lá, lá, lá e lá como tutti stupidi. Io lavoravo per un padrone in Itália. Viaggio quarenta giorni per lavorare per un altro padrone in Brasile! Tutti imbecilli!

CARMELA – Lá! Pô! Certo non dobbiamo emigrare.

GIOVANNI – Tu fella fottuta! Chiudila bocca!

HOMEM 1 – Certo foi realmente as promessas e Itália non era quente. Il capo disse: agora lá est. no Brasil, Capote?

GIOVANNI – Trabalhamo, trabalhamo, plantamo café, colhamo café, no tempo nada e pronto devendo, (LARGA A FERRAMENTA) Cápitul! Io non sono uno stupido! Io me vado! (PERMANECE NO MESMO LUGAR)

CARMELA – Onde vai?

HOMEM 2 – Calma! É o contrato?

GIOVANNI – Io non sono schiavo negro!

HOMEM 2 – Se só tem acabar o contrato, não consegue mais trabalho em lugar nenhum.

CARMELA – Paciência, Giovanni! Siamo qui, e qui restiamo.

GIOVANNI – Certo! Trevas fúculo in Itália. (PEGA A ENxada NOVAMENTE E CONTINUA A TRABALHAR RESMUNGANDO) Certo! Dio maldiz! Porco di Dio! No fim da colheita io me vado!

CENA 8 – A CIDADE

(SON DE REALIJD. VENDEDORES APRESENTAM SEUS PRODUTOS)

VENDEDOR 1 – Peixe! Molho! Borra sandinha, senhora dona borra... sandinhal!

VENDEDOR 2 – (ENTRANDO DO OUTRO LADO DO PALCO) Beijo! Quindim! Amendoim! Nozes! Castanhas portuguesas!

VENDEDOR 1 – Negrão rufo?

VENDEDOR 2 – Mai pirato. Também aqui só dá estrangeiro e polva.

VENDEDOR 1 – De onde vem tanta gente?

VENDEDOR 2 – Só pode ser de lugar muito fazendeiro, sendo não vinha póli cá. De tudo quanto é canto dos europeus. Vinde lá novo aqui? Pois olha: preocupado é pechinchador, cansado é mudo fechado e espanhol só olha e não compra. Que é que você vende?

VENDEDOR 1 – Peixe.

VENDEDOR 2 – Não precisa. Começa a chover e ninguém compra. Foi que nem eu: vende uma do

...vinte por cinco grã não dar na vista. É por baixo
da pena umas coisinhas diferentes, compreende?

VENDEDOR 1 - Isso dá cadeia.

VENDEDOR 2 - Nada! Foi o seguinte: você
trouxe o freguês e eu trouxe a mercadoria. Você
trouxe uma parte. (APRECOANDO QUINDIM, BÊ-
BÊ, CANTINHAS PORTUGUESAS) Vamos repartir! Dá o que
tem vindo: você não ganha nem grã sóla. Quindim,
Bê-Bê, BÊBÊ, ENTRA GIOVANNI E CARMELA, VEN-
DEDOR PARA GIOVANNI) Signor! Senhor!
Monsieur! Monsieur! Ó gajo! GIOVANNI PARA)
...quindim cantinhas portuguesas! Bê-Bê. Não?
Bê-Bê, quindim? (CONFIDENCIANDO) Podes an-
tever também: legítima especiaria anticoncepcional.
Produto europeu! O HOMEM SE AFASTA A-
COMPANHADO PELO VENDEDOR) Com dois
dólares te atrevo uma legítima vacinha Stanley, in-
glesa. Um revólver Smith? (GIOVANNI SE A-
FASTA) Vê se funciona!

VENDEDOR 1 - Felicíssimo! Bê-Bê vacinha, re-
volver e dona bonita... senhora...

VENDEDOR 2 - Cantinhas portuguesas! LUZ
LA SOBRE OS DÓLA E SOBRE CARMELA E
GIOVANNI)

CARMELA - Hei, Giovanni?

GIOVANNI - Não.

CARMELA - Perché?

GIOVANNI - Perché, não, porque mostrar-te
no nome é inútil, não capias? Vem como um carne,
com nome como outro, capias?

CARMELA - SE ENBALANDO A CRIANÇA
DE COLO E AJUSTANDO O PEITO À BOCA DA
CRIANÇA) Mito leite está fresco.

GIOVANNI - IRRITADO) É o tanto culpa?
Se tivesse leite grã dar-te daria, mas não tenho.
Como Gracie falou grã tomar leite e estrudolos.

CARMELA - Que pensa? Que te soube vale
de tempo grã comer capim e dar cinco lírios de leite
por dia?

GIOVANNI - Mas não vier-te devia ter casado
com Stefanelle que tinha leite como duas malan-
das. Ah nunca faltava leite.

CARMELA - (LEVANTA-SE IRRITADA) É
quindim não se cado com aquela putana?

GIOVANNI - Cuidado com a bimbora!

CARMELA - Perché tanta aldrá mamou nos
bê-Bê daí?

GIOVANNI - Dai, dai, Bê-Bê. (FORA, NO ESCU-
RO, O FREGUÊS: "CARVOEIRO")

CARMELA - Comendo o que comemo, ainda
quella putana "dos peitos de malancia", a ficar
seca!

GIOVANNI - Eh, bôta, Carmela.

CARMELA - (AJUSTANDO A CRIANÇA AO SE-
DO Vieni, filha, Mãe, não piangas.

GIOVANNI - (TEATRAL) La vita é una gran-
dissima festa!

VENDEDOR 2, MAL ILUMINADO, APRECOA)

VENDEDOR 2 - Cantinhas portuguesas! Quin-
dim! Dê o bê-Bê! (PARA GIOVANNI) E! pei-
soso, aqui tá bê-Bê. Legítima cantinha de Portu-
gal.

GIOVANNI - Vê ver! Vê gritar pra lá.

VENDEDOR 2 - Cantinha fresca, petrona. Che-
ga o tempo.

GIOVANNI - Cazzo! Ia já dentro que não quero
Vê gritar no ouvido da normal!

VENDEDOR 2 - A noite é curta, carcamano!

GIOVANNI - Carcamano é tua madre! Aguenta
que o tempo lá testa, filho d'un cana!

CARMELA - Giovanni, não vai brigar com o ra-
gazzo!

GIOVANNI - Mas ele fica gritando...

VENDEDOR 2 - (FALANDO JUNTAMENTE
COM GIOVANNI) Vai se ferrar!

GIOVANNI - ... Vê ver! (PARA CARMELA)
Que lugar! Però, fassimo bem levando lá fazenda,
vou trabalhar lá México.

CARMELA - Mas tu já sabe trabalhar na terra.

GIOVANNI - Aprendo, né? Ia no nome um igno-
rante completo! Aprendo oficina, junto dinheiro,
abro uma oficina e lá vou melhorar. E depois, sabe o
que faço? Te compro uma dúzia de vacas, te com-
pro! Ah tu não relemos que falta leite, BÊ-BÊ-
CA-LHE OS SEIOS!

CARMELA - Giovanni!

GIOVANNI - (CANTA COM MELODIA INVEN-
TADA NA HORA, ENQUANTO CONTINUA
REBUSCANDO OS SEIOS DE CARMELA)

Perché grã vender na vista
Perché grã ter um tesoro

CARMELA — Quando lá também!

GIOVANNI — Precisa uma futura mulher, mais filhos e trabalhar como um touro.

PONTO — Senhor, Giovanni!

GIOVANNI — OLHANDO PARA O PONTO!
Que é?

PONTO — Você se naturalizou brasileiro?

GIOVANNI — FIMDO EM DIREÇÃO AO PONTO!
Porquê? A minha vida lá se melhor? Lá não é onde eu vivo, trabalho e tenho amigos.

PONTO — REFERINDO-SE A CENA ANTERIOR!
É isso? Quando foi?

GIOVANNI — Mais ou menos 1901. (Pausa dramática... ILUZ CAI SOBRE GIOVANNI E PONTO)

ENTRACENA

GIOVANNI TENTA ARRUMAR EMPREGO.
SONO DE MAQUINARIA DE FÁBRICA

CARMELA — ENQUANTO GIOVANNI CONVERSA COM O PRIMEIRO ENCARREGADO!
Vai, Giovanni, coragem. Chama o encarregado de amor. Diga que tu és forte e que "queste braccio eterno un quintale!"

NEGATIVA DO PRIMEIRO ENCARREGADO. GIOVANNI VAI AO SEGUNDO!

Coragem! Pode ser o começo de tua oficina! É por falta que se começa. Quem sabe quanto tu boas obras. Conta uma história trista. Carregue na tampa! Diga que tua mulher e tuos filhos estão doentes...

NEGATIVA DO SEGUNDO ENCARREGADO!

GIOVANNI — EXPLODINDO! Diagrass! Io non sono un mendico, porca besta!

ENCARREGADO — Que é que foi, ó italiano?!

GIOVANNI — Niente, niente! Io non ho detto niente!

GIOVANNI VAI AO TERCEIRO O ENCARREGADO!

CARMELA — Não desanimes! Não já emigras de Itália para Brasil e de fazenda para a cidade. Não desanimas più pra onde lá. Conta pra este que já trabalhou em ouro. Conta que já foi sábio.

O TERCEIRO ENCARREGADO ACEITA GIOVANNI COMO OPERÁRIO!

GIOVANNI — (PARA ENCARREGADO) Grazie.

grazie, signore. Il lavoro molto, io sono molto forte.

(CANTA)

Vai, vai Giovanni, que tua cabeça tem mais sonhos que milões.
Você é novo. Tem força pra vender a todo preço.
Vai, vai Giovanni-ninguém vai vender seu ouro vai fazer seu tesouro juntando vintém por vintém.

CENA 7 — UMA DECISÃO À TOA LEVA GIOVANNI A OUTROS CAMINHOS

OPERÁRIOS DE BRACOS CRUZADOS, EM GREVE. GIOVANNI ENTRA EM CENA, PARA OBSERVANDO, SONDA O AMBIENTE E DISPARÇADAMENTE SE DIRIGE À ENTRADA DA FÁBRICA. PONTO SE CARACTERIZA COMO UM GREVISTA!

GREVISTA 1 — Ei, crumiro, onde vai? (GIOVANNI CONTINUA A ANDAR)

GREVISTA 2 — Ei, você aí, é tambémtor (GIOVANNI SE VOLT A DISTICULA PERGUNTANDO SE É COM ELE)

GREVISTA 2 — Você é crumiro, é?

GIOVANNI — Não capito. Mio nome é Giovanni.

GREVISTA 2 — Onde é que você lá?

GIOVANNI — Ao trabalho.

GREVISTA 3 — Ninguém entra. Ninguém. Nem tuos!

GIOVANNI — Como ninguém entra? Io tanto que trabalhar.

GREVISTA 1 — Ninguém trabalha mais. Estamos em greve.

GIOVANNI — É porquê?

GREVISTA 1 — Prá ganhar hora. Você está contente de trabalhar quatorze horas por dia?

GREVISTA 2 — É pra ganhar... mirrada!

GIOVANNI — É, na, io concordo com você... É bueno trabalhar mais e ganhar mais, na...

GREVISTA 3 — E também trabalhar mais de oito ora. Até de noite. Tem que acatar.

GIOVANNI — Certo! É bueno io greve, na io não posso. Faz quatro dia que io trabalho. O patrão me manda prá rua.

GREVISTA 1 — É na tua mesma que a gente vai ficar até o patife dar o que a gente pede.

GIOVANNI — Ma lá preciso.

GREVISTA 2 — Nenhum entra.

GIOVANNI — Nenhum, não lá preciso entrar. Techo família.

GREVISTA 3 — E não? Tu pensa que siamo tutti figli di puttana? Temo famiglia também.

GREVISTA 2 — Até mulher tá fazendo greve. Tô então trabalhando as bruxas. Voadi é bruxa?

GIOVANNI — Ma che cosa é bruxa?

REVISTA 3 — Putana.

GIOVANNI — Onde é boca, crêvezi?

GREVISTA 1 — Tem que arriar o pau no lombo dos furegreves.

GIOVANNI — Da família de voadi é voadi que são, lá preciso trabalhar para mia família. Ia entrar (FAZ MENÇÃO DE ENTRAR, É AGARRADO PELO BRAÇO) Lactante che fapo uma di-greia!

ANDREONE — (ENTRANDO) Foi niente, foi niente, tu sei um filho sem mãe. Um'fotista!

GIOVANNI — Che? Chi parla?!

ANDREONE — Ia.

GIOVANNI — Ia, te quebro!

ANDREONE — Quêbra niente! (CANTA) Giovanni, culto di caprai Giovanni, culto di caprai!

GIOVANNI — Tua madre, quella puttana da strada! (RECONHECENDO) Ohi Andreone! Casa, amor! (VAI ABRACÁ-LO) Come stai, porco de-sai? Deve estar tutto questo tempo todo?

ANDREONE — Aqui mesmo. É tu quando sei arri-vado?

GIOVANNI — Qui in città, quatro meses. Tu teve sorte de não ir pro campo.

ANDREONE — É.

GIOVANNI — Malandrin! Cêpita, te encontrar aqui. Bem, Andreone, como dás agora. Me ajude a entrar. Ainda tu lavora qui.

ANDREONE — Não, lá sono tipógrafo.

GIOVANNI — É che fai qui?

ANDREONE — Greve.

GIOVANNI — Ah, capisco. Tu sei com altri Altorra, fala a i tuoi amici che lá preciso lavorar.

ANDREONE — No. Ninguém trabalha, tu não trabalha. Chi sei tu? Crumiro, furegreve?

GIOVANNI — No, ma... e la mia famiglia?

GREVISTA 2 — A greve é geral. Os patrões não vão mandar ninguém embora.

GIOVANNI — Quem garante?

ANDREONE — Tutti trabalhadores.

GIOVANNI — Ma... vá, Andreone. Questo non dá certo.

ANDREONE — Basta, Giovanni. Tu não trabalha, é finito. Olé, culto di caprai, voadi.

GIOVANNI — Casa! Ia finha que começar a trabalhar in mezzo a una greve!

ANDREONE — Voadi!

GIOVANNI — Vê bene! Ma non me chiama più di caprai!

ANDREONE — Que cosa faria com los caprai dell'aldé?

GIOVANNI — Pour Etienne in Brasil. (TODOS GREVISTAS FICAM ESTÁTICOS, GIOVANNI IMITA, MAS NÃO SE SENTE BEM)

CENA 8 — PÉ ATRÁS

PONTO — Quem era esse Andreone?

GIOVANNI — Era um velho amigo da Itália. Primeiro anarquista, depois comunista, e em 1924 foi deportado.

PONTO — É o senhor logo começou a participar do movimento anarquista?

GIOVANNI — Não. Nessa época eu era um ignorante completo. Não conhecia ninguém nem sabia falar a língua direita.

PONTO — O senhor foi despedido nessa greve?

GIOVANNI — Não. Tive sorte. Eu me lembro que ficava pensando: "Que eu tinha de o pai de Andreone?". E falava: "É melhor trabalhar quantos horas que estar desempregado". (SURGE ANDREONE)

ANDREONE — Salúido!

GIOVANNI — Salúido, vá!

ANDREONE — Pedreiro, carpinteiro e outras categorias conseguiram oito horas. La lotta avanza.

GIOVANNI — Que invenção! Avança para a rua que tem um monte de desempregado. E lá não são pedreiro, não são carpinteiro, não são "outras categorias".

ANDREONE — Scipido!

GIOVANNI — Scipido, não, que não vim dall'Italia para o Brasil para correr dalla polícia e essere despedido como muita gente.

ANDREONE — Voto para quê?

GIOVANNI — Lavorare e ganhar dinheiro.

ANDREONE — Se tu pensa que lavorando quatterdici ore, ganhando quetta miséria, tu vai ficar rico, então trabalha, intelectual! Tu dormi bene com tua moglie?

GIOVANNI — Non interessa.

ANDREONE — Interessa, porque lá não durmo, porque estou entregado à noite, e teu filho, Com sete anni vai trabalhar como um animal, dote horai por dia. Que come? Uma porcheria! É quetto, porque é quetto quetto lá mangia, é quetto que fidoi comemo.

GIOVANNI — Chiedi quetto feto.

ANDREONE — Com cinqunt'anni, vai ver que come metade do que devia, dormiu com tua mulher metade do que devia, viveu metade do que devia.

GIOVANNI — Mas, caso, che posso fare?

ANDREONE — Tu pode continuar trabalhando quatterdici ore por dia que é meglio, intelectual (Sai)

GIOVANNI — SEM AÇÃO VIL VIL VIL
Basta!

PONTO — 1907

GIOVANNI — Foi igual

PONTO — 1908

GIOVANNI — A vida foi muito difícil. Quem tinha conseguido oito horas perdeu de novo. Muito desemprego.

PONTO — 1909

GIOVANNI — A mesma sorte. Carmela engrasceu muito, pobrezinha.

PONTO — 1910

GIOVANNI — Andreone me disse: "Perche il capitalismo...". Carmela falou: "Toma cuidado, que tu te mete em política, vai preso e não sei o que, não sei o que..."

PONTO — 1911

GIOVANNI — Cenerino ficou doente. (CONSO-LANDO, COMO SE CARMELA ESTIVESSE PRESENTE) Não piangera, Carmela. La vita vai melhorando.

PONTO — 1912

GIOVANNI — (IRRITADO COM AS PERGUNTAS CRONOLÓGICAS DO PONTO) Mas, chegi! Mas, chegi! Foi tudo uma porcheria! 1907, 8, 9 tudo uma miséria! Pode escrever.

PONTO — E 1913?

GIOVANNI — (PAUSA) Mas você é insistente!

CARMELA — (OFF) Giovanni!

(GIOVANNI VAI EM DIREÇÃO À CARMELA QUE ENTRA COM UMA CARTA NA MÃO.)

CENA 9 — O QUE SOBROU DOS GRANDES SONHOS.

GIOVANNI — Carê, Carmela?

CARMELA — Carta de mio fratello, Giuseppe.

GIOVANNI — Buone notizie?

CARMELA — Não, si parla da nuova guerra.

GIOVANNI — Miséria! É capitalismo!

CARMELA — Mio fratello dice que sono in alimda.

GIOVANNI — Eson? E os alemães sono o quê?

CARMELA — Sono da Alemanha.

GIOVANNI — Si, ma sono capitalista.

CARMELA — Giuseppe quer emigrar.

GIOVANNI — Que vil pré qualquer lugar mano pré lá se não quiser acabar como lá.

CARMELA — É má sorte, caro. Os Novelli saíram dall'Italia como noi e hoje tem uma fatiquenza. É praioa patência.

GIOVANNI — Que má sorte! Que parência! Vi-nam militares e militares de italiano e San Paulo, lá

San Paulo não é possível ter milhares de fábrica, capto? Que imbecilidade! As fábricas falavam que em Brasil havia oportunidade. Criminosos! Não, Criminosos são lá, lá são imbecilidade os senhores, tem gente que nasce com a estrela na testa e tem gente que nasce com a estrela no culão! Foi a tutti milhares de italianos! (PAUSA) Que caso de vida é questo, Carmela? Ohi, vida é questo nostro?

CARMELA — Vi, caro, não fique assim, Os filhos crescem e saem.

GIOVANNI — A respeito da miséria, Bella, gente como nós, não temo onde ir, O mundo não tem lugar pra nós.

CARMELA — Não perdes assim, caro.

GIOVANNI — (ALTO) Giovanni Saracheta vai fazer a Andréa! Farto e risonho não! (DOCA-SE) Bruta beldade!

(ENTRA HINO ANARQUISTA)

CENA 10 — GIOVANNI, O ANARQUISTA

(GIOVANNI SE ARRUMA PARA SAIR, CANTA OU ASSOBBIA DIANTE DO ESPELHO)

CARMELA — Onde vá?

GIOVANNI — À conferência.

CARMELA — Conferência anarquista, eh? É pra que se amassar tanto?

GIOVANNI — Quer que lá vá como uma saltegem? Lá tem advogado, jornalista, político.

CARMELA — E milhares, né?

GIOVANNI — Não ché! A casa é seria. Vamo discutir o Estado, a Igreja, o movimento operário. Lá só vai família.

CARMELA — Mas tu vai sozinho.

GIOVANNI — Lá não pra tu ir.

CARMELA — Tu foi detto perché se não posso ir, é a criança?

GIOVANNI — Vamo com elas.

CARMELA — Com quanto frio?

GIOVANNI — Lá não posso fazer parar o frio.

CARMELA — Andréa! É ela que está fazendo tu te meter em política.

GIOVANNI — Que Andréa! Os operários devem se unir, Em 1903 muitos operários conseguiram

aumento.

CARMELA — Mas um ano depois, na crise, tudo ficou zero e o dinheiro não deu pra nada.

GIOVANNI — Então os operários fazem outra greve.

CARMELA — Madonna di Dio, Giovanni, no tempo dos filhos.

GIOVANNI — E mal podemos viver. Quanto capitalismo...

CARMELA — Com capitalismo ou sem capitalismo estamos vivendo.

GIOVANNI — Muito mais.

CARMELA — Logo se enriquece mais... Tu te metes em política e acaba perdendo o emprego.

GIOVANNI — Dei, basta!

CARMELA — E se tu ficar marcado como anarquista? E se ficar preso, já pensou? Não, mas tu não pensa! E se a gente for deportada?

GIOVANNI — Basta, Dio. (GIOVANNI SAI EM DIREÇÃO AO CENTRO DO PALCO, CARMELA CONTINUA FALANDO COMO SE DIÁLOGASSE COM GIOVANNI)

CARMELA — Preciso por graxa? Já vou graxa no nosso casamento! (JÁ FAZ FALA DE CARMELA É OITA QUASE AS ESCURAS COM GIOVANNI JÁ SENTADO COM OUTROS OPERÁRIOS, TALVEZ ANTES DO FINAL DO DIÁLOGO ENTRE GIOVANNI E CARMELA A CONFERÊNCIA JÁ TENHA SIDO INICIADA)

CONFERENCISTA — ... montaremos dessa maneira e não é nada para desanimar. Os anos passados foram anos difíceis e que é nada forte para lutarmos ainda mais. Somos a força motriz da sociedade. (PALMADO Otimado).

GIOVANNI — (LEVANTANDO-SE) Com permissão? O signore fala muito bem, lá no tanto estudo. Sei lá... (PAUSA, GIOVANNI TEM DIFICULDADE EM SE EXPRESSAR, COM O OLHAR PROCURA SOCORRO ENTRE OS PRESENTES) Sou, lá não tenho costume de falar assim...

CONFERENCISTA — Fala como quiser.

GIOVANNI — Graças, Andreia! me diga pra vir a lá vir. (PAUSA) Graças, O signore fala muito bem. (PAUSA, NUM ROMPANTE) Lá quero entrar para o partido anarquista.

CONFERENCISTA — O anarquista não é um partido.

GIOVANNI – Não? Sim, OLHA EM VOLTA, EMBARAÇADO! Io non conheço muito de política... io nasci no campo... io fêllo... Non é partido Si, cara, entendo... (FALSA) Clôpia, que no é?

CONFERENCISTA – É um movimento, uma ideia que...

GIOVANNI – (CORTANDO) Uma ideia? Si, entendendo. Uma ideia, ah? Mas, é claro.

CONFERENCISTA – Um movimento contra a burguesia, contra a igreja e contra o militarismo, pela liberdade...

GIOVANNI – (CORTANDO) Claro, claro... Entendo, io falei com Andreone e ele disse prô io vir aqui. A Carnata, mia mulher, disse prô io não vir, mas mulheres não entendem nada de política (R). SILÊNCIO DOS PRESENTES. NÃ MULHERES NA CONFERÊNCIA. GIOVANNI PERCEBE SEUS SENTIMENTOS E LOGO LEVANTA-SE QUERO FAZER UMA PERGUNTA, IO VIM DENTRINHA EM 1906, É CLARO? Agora em julho fui das ancas... sou operário... ja fô greve... mas até agora non conseguimos nada.

CONFERENCISTA – É engano seu.

GIOVANNI – (EXPLOSIVO) Como engano então? (DESCULPANDO-SE) Io non sou contra o signora, ah? Non contra o movimento operário, até claro? Mas tudo está difícil. Enton fazemo greve, aumenta o salário e tudo fica mais caro, enton fazemo greve, aumenta... Sim, ah?

CONFERENCISTA – Entendo sua questão. GIOVANNI SE SENTA Mas é preciso compreender que a greve é apenas um dos caminhos. Embora até aqui... ILUZ COMEÇA CAIN SOBRE CONFERENCISTA... a nossa mais forte arma política ela não tem tido resultados plenamente satisfatórios porque ainda não temos uma conscientização profunda do operariado. ILUZ SE APAGA SOBRE CONFERENCISTA E SE LEVANTA SOBRE ANDREONE E GIOVANNI

GIOVANNI – Si, Si, Andreone, É Buena ta conscientização profunda do operariado, mas a mia Carnata fale muito e ja vezes fale besteira. Foi forte greve em 13, greve em 14, em 1907 e em 1913 io apertei de polícia na rua, e agora em 1918 continuo miserável como em 1907.

ANDREONE – O futuro vai ser nosso.

GIOVANNI – Cansa de futuro? Tutti parlano de futuro. Ma hoje, Andreone, io tenho uma mulher e duas crianças pra dar de comer. E elas non podem esperar o futuro, hai capê?

ANDREONE – Si, é claro.

GIOVANNI – É Claro, esse nemhum! Que coisa conseguimos até agora, ah?

ANDREONE – Si, Giovanni, não.

GIOVANNI – (CORTANDO) Si, claro, semo te gallo. Como anarquista podemos ter preso e depois torto para fêllo no mato de uma guerra.

ANDREONE – Calma!

GIOVANNI – Calma, não, que io no estou nervoso io estou furioso!

ANDREONE – Que é isto, Giovanni? Antes de tudo é preciso o operário ficar consciente.

GIOVANNI – Discursos! Ma io non aprendi a escrever palavras. Você deve ter aprendido, É tipógrafo?

ANDREONE – Você é difícil de entender!

GIOVANNI – Bem, então me diga signora "Anarquista anarquista", que é preciso fazer prô vida de gente malhora e um pouquinho... MM... dentro de três... não, dentro de cinque ano?

ANDREONE – Ma, Giovanni, per Dio!

GIOVANNI – Per Dio, não Tu sei anarquista Anarquista non crede in Dio. Que é necessário fazer? Botar fogo na fábrica? Io penso, há prô io me greve botar nos crumins, non furegreve! gente vai e bota. Cagar no chapéu do chefe? Io não... Proibido... não!

VOZ – Pelo Silêncio É tarde!

GIOVANNI – (IRATANDO) Cansa Vê, não!

ANDREONE – (FALANDO BAIXO) Entendo Giovanni O movimento operário no Brasil ainda é novo.

GIOVANNI – É io souo velho.

ANDREONE – Ma...

GIOVANNI – (CORTANDO) Não É questo, io tanto trinta e seis ano e souo velho. O movimento operário é novo. Tem que ficar adulto, certo? Gennarino, mia filho, conhecido, não, também novo. Quem foi adulto primeiro? Gennarino é o movimento operário?

ANDREONE – Basta, Giovanni Non si discorra!

GIOVANNI – Se discursi, si. Está bem, "Anarquista anarquista", io non entendo nada, io souo um falador!

ANDREONE – (IRRITADO) Ma cansa! Non si

quem fica adulto primeiro. Depende de nós, do nosso trabalho, do trabalho de todos! Depende de nós, de mim, de todos, porta miséria! (PAUSA)

GIOVANNI – (DESANIMADO) Tu pensa, mas lo sono burro, lo entendo. Ma succede così: lo so na contabilidade e acho buono, acho certo, concesso. Ma, lo chego em casa e dona Carmela, que non é anquerita me fala: “Mário non tem sapato”, “Germarino precisa de camisa”, “Tá faltando comida”. Aí, lo dico: “Só, Carmela, calma”. Aí, ela fala: (PALA RÁPIDO) “Tu fica metido em política”, “Porque um dia vai perder”, “Ainda vai perder o emprego”... E lo no digo nada.

ANDREONE – Compreendo.

GIOVANNI – Que compreendi! Compreendi niente! Você não tem que estudar. Então fico solitário, com vontade de mandar tutto il mondo a “fà l’fà culo”!

VOZES – “Oito o polevito”, “Facha essa privada, carcamano”!

GIOVANNI – Carcamano é la mamma!

VOZ – “Também”!

VOZ – “Chê succede? Sono le quattro della mattina”!

GIOVANNI – Vieni fuori!

ANDREONE – Vamo embora, Giovanni, (ARRASTA GIOVANNI)

GIOVANNI – lo sono livre, Tanto direito de falar!

VOZ – “Mas não debaixo da minha janela, lo quattro da manhã, vagabundo”!

GIOVANNI – Vagabundo, né! Lasciava, Andreone, lo trabalho.

VOZ DE MULHER – “Só se trabalha à noite como um ladrão.”

OUTRA VOZ – “Que griteira é essa?”

VOZ – “Vê via, desgraçado”!

CRIANÇA – “Mamma, chê succede?”

MÃE – (GRITANDO) “Calma e dormir”!

VOZES – “Silêncio!” “Vê gritar na tua terra, caladema.”

MULHER – “Caladema, fiamonta”!

HOMEM – “Se tu fosse mia moglie...”

MARIÇO – “Ma se é mia moglie”!

HOMEM – “O que é isso, idiota?” (CONFUSÃO, GRITOS, ETC.)

GIOVANNI – Vê mais la vita in questo cortico.

CENA 11 – É DIFÍCIL A PACIÊNCIA QUANDO AS DERRÓTAS SÃO TANTAS E TÃO CONSTANTES. A GREVE GERAL.

OS ATORES ENTRAM E COMEÇAM A CANTAR

ATORES – (CANTAM)

GIOVANNI – (HINO, LEMBRANDO) Deus livre os donos desta terra de uma enchente ou maré cheia.

AUXILIAR – (ENTRANDO) Senhor! Greve!

AUTORIDADE – Quantas categorias?

AUXILIAR – Várias.

AUTORIDADE – O que eles querem dessa vez?

AUXILIAR – O de sempre, senhor.

AUTORIDADE – Vamos observar. (AUXILIAR SAI)

ATORES – (CANTAM)

AUXILIAR – (ENTRANDO) Senhor!

AUTORIDADE – Que é dessa vez?

AUXILIAR – A greve se eletrou. Agora também estão parados os...

AUTORIDADE – Sim, sim, sim. Aumenta o efetivo policial. (AUXILIAR SAI)

ATORES – (CANTAM)

AUXILIAR – (ENTRANDO) Senhor!

AUTORIDADE – Mas Deus do céu! Que é agora?

AUXILIAR – A greve é geral. São Paulo está parada.

AUTORIDADE – Telegrafa. Manda os quarteis de outra cidade.

AUXILIAR – É muita gente, senhor.

AUTORIDADE – Prover é melhor que remediar. Vamos reprimir a baderne antes que ela comece.

ATORES – (CANTAM)

GIOVANNI — (1943, LEMBRANDO) Como um rio que rompe as margens e desata sobre o rio.

MULHER — Vai ser uma guerra, senhor. O sapateiro morreu.

HOMEM — Como foi que mataram?

MULHER — Não sei, foi perto da fábrica. Tinha muita gente. A polícia.

ANDREONE — À rua, à rua.

MULHER — (PARA O HOMEM QUE VOLTA) Calma, Antonio, não vá armado.

HOMEM — Que calma, não vou me deixar matar como um cãozinho.

ATORES — (CANTAM)

GIOVANNI — (1943, LEMBRANDO) Gritos, praguejos, alaridos. Pedras no chão, saias no chão, braços no ar.

ANDREONE — (DISCURSANDO) Somos trabalhadores e não aceitamos negros. É a hora... (CONTINUA INFLAMADO)

MULHER — Ele caiu do meu lado, Cristo Bendito.

ATORES — (CANTAM)

AUXILIAR — (ENTRANDO) O povo está assistindo as carrocinhas de pão, senhor.

AUTORIDADE — O que é que eles querem?

AUXILIAR — (RESPONDENDO) O povo está assistindo as carrocinhas de pão, senhor.

ANDREONE — Ordem! Ordem! Um pouco de disciplina, por favor.

MULHER — (APONTANDO) A cavalariá!

ATORES — (CANTAM)

AUXILIAR — Trinta e seis pessoas na cidade, senhor. O povo invade as armazéns.

AUTORIDADE — Meu Deus. Quem sabe depois do amanhã eles voltam à razão.

GIOVANNI — (1943, LEMBRANDO) Vários partidos, pessoas correndo à direita, à esquerda, escapam, matam... A polícia. Os cavaleiros. (GRITA) Calma, pelo amor de Deus.

AUXILIAR — (ENTRANDO) Senhor, eles não voltam à razão. Continuam nas ruas. São mais de cinquenta mil.

ABRAMA/JUN

AUTORIDADE — Cinquenta mil? É hora de reagir.

OS ATORES EXPLODEM CANTANDO "BELLA CIAO." A MÚSICA TORNA-SE CADA VEZ MAIS FORTE

CENA 12 — A GRANDE VITÓRIA E A GRANDE DERROTA

GIOVANNI — Mil novecentos e dezassete. Uma grande luta, tremendo! Uma grande vitória!

PONTO — Mas não durou muito.

GIOVANNI — Não.

PONTO — Porque?

GIOVANNI — Agora eu sei. Naquela época eu não sabia. Não entendemos fortes. E cantamos a vitória por dois meses. Depois a polícia começou a caçar.

CARMELA — (ENTRANDO IRITADA) Não Giovanni! Perché qui? Perché ela non vai se esconder in outra casa?

GIOVANNI — SENDO EM DIREÇÃO A CARMELA) Aqui é melhor.

CARMELA — Nossa casa não é refúgio.

GIOVANNI — Sai logo, Carmela. Calma! Está decidido!

CARMELA — Vê logo, lo non digo nada, não puto me suar in questa casa! Non dico niente!

GIOVANNI — É melhor Andreone (ANDREONE NÃO ENTRA, PAUSA, CARMELA NÃO CONSEGUE FICAR CALADA)

CARMELA — Dêa, caro, non é que lo non gosto dela. É buono, sincero, ma está perseguido.

GIOVANNI — Que quê. Que lo negue isto? Se for preso...

CARMELA — (EXPLODINDO) Ma Giovanni, lo sei cado. Tem figli!

GIOVANNI — Mas a polícia está atrás dele e não de mim.

CARMELA — E se a polícia chega e leva ele e leva tu. Mas, pensa um pouco!

GIOVANNI — Basta, Carmela.

CARMELA — Dio Mio! Tu sei dois pesos e erramos três encontros!

GIOVANNI — (FALANDO JUNTAMENTE COM

CARMELAL... e mesmo três anos! Mas só
CARMELA SAI RINGUEANDO. GIOVANNI
(RITA PARA FORA) Andreone! (ANDREONE
ENTRA, ABATIDO) Tu fica aqui quanto tempo
queim.

ANDREONE – Si, caro, grácia. (PAUSA)

GIOVANNI – Perdemos. Come in 1907, ah?

ANDREONE – Pox. Muita gente presa.

GIOVANNI – Certo. E agora?

ANDREONE – Não sei, há três meses io te disse:
"Como o nosso futuro que chegar?" Hoje não digo
nada.

GIOVANNI – Coraggio que da próxima vez va-
mos mostrar quem somos.

ANDREONE – Quem somos?

GIOVANNI – Ma come? Ma como "quem so-
mos"? Somos operários.

ANDREONE – E vamos acabar com a exploração,
io sei, io já sei! e já falei isso muitas vezes, cli-
gati! Agora começa a duvidar.

GIOVANNI – Andreone! Que sucede? Ia mia
casa io dou refúgio a um companheiro, não é um
rueira.

ANDREONE – Crumiro é la madre!

GIOVANNI – Ma ché! Primeiro fala como um
crumiro e depois me viras? Que demônio, tu ficou
louco?

ANDREONE – Si, estou louco! (ALTO) Ma não
me chama mais de crumiro! (OLHAM-SE MU-
TUEM-SE, DANDO PALMADAS NO ROSTO DE
GIOVANNI) Caro, caro, caro. Estou perdida. Os
partidos não estão cumprindo o acordo. Certo,
vai ser mesma coisa que em 1907, 12, 14...

GIOVANNI – Não direi que! Antes era io que
falava: "Sono confuso", "Queita coisa não vai dar
certo", e tu me chamava de anão de mente, e
agora, tu vem dizer, na mia faccia que io estava
certo e tu errado? Ché pense ché sono io? Algu-
ma explicação de idiota?

ANDREONE – Não é isso!

GIOVANNI – Então me diz o que é, porque io
não estou entendendo nada!

ANDREONE – Que agitação tuar se não conse-
guimos manter as conquistas?

GIOVANNI – Tanto la cabeça dura como diz a
Carmela, ma mia cabeça tá cheia de pensamento,
io não sou um ignorante completo.

ANDREONE – Eu sei.

GIOVANNI – Io penso em tudo que tu disse.
Ma, penso também que noi siamo carcamano e que
certamente só vai gente se continuar lutando.

ANDREONE – Eu, Giovanni, eu sei. Mas disse
jeto como perder tempo.

GIOVANNI – Ma só, Andreone, não direi queita
coisa.

ANDREONE – Digo, caro, porque eles não mais
forte que nós.

GIOVANNI – Ma...

ANDREONE – Não conseguimos que cumpram os
acordo. Não conseguimos um prato de comida e
mais na mesa.

GIOVANNI – Siamo maioria.

ANDREONE – Eles tem o poder.

GIOVANNI – Um dia acabamos com o poder.

ANDREONE – Fazendo trinta dias de greve, con-
quistando promessas e voltando pra casa!

GIOVANNI – Não pergunta a mim. Você é que
deve me responder.

ANDREONE – Eu não sei.

GIOVANNI – Io também não, tá sei que tanto a
cabeça dura. E se uma ideia demora pra entrar na
mia cabeça, também demora pra sair.

CENA 11 – NOVOS CAMINHOS

GIOVANNI É TRAZIDO VIOLENTAMENTE, U-
MA DELEGACIA. ESTÁ COM MEDO E AO
MESMO TEMPO FURIOSO

GIOVANNI – Lauriani, io sou um trabalhador,
não sou um bandido. Io sou um uomo deceto.
I signore não podem fazer queita.

INTERROGADOR – (FALANDO BAIXO E DE-
VAÇAR, MAS COM ACENTO AMEAÇADOR)
Tira a roupa.

GIOVANNI – (PERPLEXO) Ma come? Tira a
roupa porém?

INTERROGADOR – Pó gente ver a tua bunda
branca. (RIR)

GIOVANNI – (RECOSIDO, MAS FIRME) Não ignora. Que pensa que sou? Um Cana? (UM GUARDA SE APROXIMA ABRANCA SUA ROUPA) Ia sou um uomo. Lasciami. Non sono animale.

INTERROGADOR – Cale a boca. (MURRO NO ESTÔMAGO, GIOVANNI CAI NO CHÃO, TIRAM-LHE A ROUPA. ELE TENTA SE COBRIR) Quem te paga prá fazer anueta?

GIOVANNI – (ENVERGONHADO) Ia sou pai de família. Não se humilha così um uomo decente.

INTERROGADOR – Quem te paga prá fazer anueta?

GIOVANNI – Nessuno. Nessuno. (PERPLEXO DIANTE DO MURRO) Ia sou como animal, sou um uomo. Você não podem fazer isso comigo. Ia tenho moglie e bambini, Ia lavoro, non sono vagabundo.

INTERROGADOR – Fala língua de gente, cara mano aqui.

GIOVANNI – Ia non falo bene il portuguesa. Você não podem...

INTERROGADOR – (INTERROMPENDO) Existe um relatório que informe que anarquistas são pagos pelas indústrias estrangeiras para incitar as greves e prejudicar a indústria nacional.

GIOVANNI – Ia non é no vero.

INTERROGADOR – Cale a boca.

GIOVANNI – (ESTOURANDO) Vê m'ê culo. Quem não é vero (BATEM EM GIOVANNI, LUZ MUDA, OS POLICIAIS SAEM)

CARMELA – (ENTRANDO DO OUTRO LADO) Giovanni! Que te fizeram, cara?

GIOVANNI – Se acaramelhadas conta.

CARMELA – Se tu non te tivessees mudado com paffica, quito non teria acontecido. Giovanni.

GIOVANNI – Em 17 noi mostramo nossa força. Agora, em 18, foi a vez deles. (CARMELA AJUDA-O A SE LEVANTAR, CAMINHAM) Guarda, o Viesoso! Se acordou atrás da cortina. Que coisá succede, Carmela? Non sono leproso. (ALGUMAS PESSOAS PASSAM E PROCURAM SE ESCONDER, SE AFASTAM RÁPIDAS CORRIDA A CASA)

CARMELA – Não fpa. Giovanni, vemos prá casa.

GIOVANNI – Rapara Carmela, todos olham curi-

os e fecham discretamente as janelas.

CARMELA – Vamos prá casa, Giovanni.

GIOVANNI – Estou com medo. (SE DIRIGIU DO PARA TODOS) Que estão pensando, hein? CARMELA TENTA AJUDÁ-LO

CARMELA – Mã, Giovanni...

GIOVANNI – Lasciami, Carmela. Ia non sou leproso. Em 17 nós estevam com o sangue fervendo, tomavam as ruas, levantavam barricadas, gritavam. Hoje se escondem atrás das portas e discursos. Hoje estou com medo. Se escondem como carneiros.

CARMELA – Andiamo a casa, cara, venci.

GIOVANNI – (PARA TODOS) Vê m'ê culo, tudo. Ia sou anarquista, mas non sou um fazendeiro.

CARMELA – Andiamo a casa, basta staca, Giovanni.

GIOVANNI – Ignoranti! Noi fomos à rua prá combater dividas, armados apenas de raiva e certeza. Eles já esperavam. Se armaram de soldados. Vê m'ê culo tudo. (CARMELA O ARRASTA PARA FORA, ELE SE VOLTA E GRITA) Ia sou, anarquista, mas non souo fazendeiro!

IPANO VAI FECHANDO. FIM DO PRIMEIRO ATOS

3- ATO

CENA 1 – REABERTURA

GIOVANNI, SENTADO EM SUA POLTRONA, EM 1943, LEMBRANDO DE LUCCHINA, VOZES FORA CHAMAM LUCCHINA, LUCCHINA APARECE E VEM CAMINHANDO PARA GIOVANNI – QUE CONTINUA SENTADO, QUANDO ELA ESTÁ QUASE PERTO DELE, VAI MUDANDO A ROUPA E TRANSFORMA-SE NO PONTO. A IMAGEM DA LEMBRANÇA SE DESFAZ E GIOVANNI FICA SUPRESSO, A LUZ MUDA, MÚSICA ITALIANA DO TEMPO DA JUVENTUDE DE GIOVANNI, CANDO O CLIMA DE NOSTALGIA)

PONTO – E seus filhos Giovanni.

GIOVANNI – (QUE ESTÁ COM UM LIVRO NA MÃO) Dói. Genaro e Maria.

CARMELA – (ENTRA TRAJENDO UM COPO DE ÁGUA PARA GIOVANNI) Eu não pode ter mais filhos. GIOVANNI TOMA O REMÉDIO COM UMA CARETA)

GIOVANNI — Maria, nossa esposa, tinha 15 anos. Gennarino já era um homem... Ela nasceu em 1906... Tinha 23 anos.

PONTO — Anosquinta também?

GIOVANNI — Éra, UM POUCO CONTRARIADO! Depois virou comunista. Mudou até de casa de habitação. Era polêmico e ficou corinthiano.

PONTO — E você discutiam por causa disso?

GIOVANNI — Não.

CARMELA — Não? Brigavam todo dia. Só faziam demorar a casa.

GIOVANNI — Não era assim Carmela. Eram só discussõesinhas. (GIOVANNI ABRE O LIVRO. PONTO SE AFASTA)

CARMELA — Giovanni?

GIOVANNI — Que coisa contraproducente?

CARMELA — Que sei lá! Eu quero falar com você, mas você não me dá tempo. Fica lendo! Quer vir ao doutor depois de voltar?

GIOVANNI — Que velhos! Nunca é tarde. A gente precisa conhecer o que acontece, saber como tem a casa, porquê...

CARMELA — Ia te dizer o que acontece, Gennarino...

GIOVANNI — (MEIO ENFASTIADO) Cal, o que tem Gennarino?

CARMELA — Anda com muita ideia política na cabeça.

GIOVANNI — Bem, lá também ando!

CARMELA — Mas ela é uma bambino?

GIOVANNI — Que bambino! Ela já tem mais de vinte anos. É um'uomo! Com discórdias até lá já era um'uomo. (MALICIOSO) Recorda? Mas é claro que recorda. Que fogor!

CARMELA — Ia não falar de questo.

GIOVANNI — Se o'uomo é buono prá "questo", é buono prá toda outra coisa.

CARMELA — Ela está sempre com Andreina e...

GIOVANNI — Mas olá, Carmela... (ENTRA GENNARINO)

CARMELA — (COM AUTORIDADE) Onde estava?

GIOVANNI — Carmela, se Gennarino é grande bastante prá trabalhar, é grande bastante para se sentir companheiro e discutir seu trabalho.

CARMELA — Óia Cristo, que faço lá in questa casa. Nem saber onde andam os filhos lá fora! (SAI CONTRARIADA)

GIOVANNI — Bem, filho, onde estava? Com Andreina? É um buono companheiro, mas última mente está com umas ideias um pouco diferentes, eh?

GENNARINO — Os tempos estão diferentes, não é papa?

GIOVANNI — Si, é claro. A casa está muito diferente. Filho, estou lendo questo livro. Buono, buono livro! Tu deve ler. Casa muito buono...

GENNARINO — (CORTANDO) Está bem, pai, mas hoje eu estou muito cansado. Amanhã a gente conversa. Boa noite.

GIOVANNI — Si, claro, buona notte. (GENNARINO SAI) Ah, filho que casa é contraproducente... (L...) Buona notte. (L.F) Cansa de tanta palavra que não se entender lá tanto lá cabeça muito dura!

CARMELA — (ENTRANDO, IRRITADA) Bombo, não?

GIOVANNI — O que?

CARMELA — Tu! Tu fala comigo como um bruto. Na frente dos filhos. Logo Gennarino não me repetirá mais.

GIOVANNI — Éh, Carmela...!

CARMELA — Logo, Maria vai me dizer o que fazer. (GIOVANNI OLHA CARMELA COM TERNURA)

GIOVANNI — Tu está bella, ainda.

CARMELA — Hoje os filhos querem saber mais que de pai.

GIOVANNI — Mais namoras, mais chata, mas bella, ainda...

CARMELA — É tu cada dia mais cabeça dura!

GIOVANNI — (SE APROXIMANDO) Ainda tem bellas pernas e o mesmo fogor de quando cuidava de cabrer in fábria. (SEGURA-A)

CARMELA — Lament, Giovanni.

GIOVANNI — Um bacio, bella.

CARMELA - Ma Giovanni, lasciamo. Entou com
nave.

GIOVANNI - Que lasciar-me! Que sair! Vieni
qui.

CARMELA - Não. Tu sei um bruto! (GIOVANNI
A ACARICIA) Giovanni, no foi questo. Pode en-
trar alguém... Gennarino... Maria...

GIOVANNI - (GRITANDO PARA FORA) Io ma-
to il criminoso que entrar aqui, hai capito? I Pro-
ti, bella, Andiamo.

CARMELA - Ma, Giovanni!

GIOVANNI - Ma niente!

CARMELA - Amore mio, non hai questo!

GIOVANNI - Sì, sì, sì.

CARMELA - (CEDENDO) Tu é um diabinho,
um cabeça de pedra, um demônio...

CENA 2 - NOVAS TENDÊNCIAS

GIOVANNI - Vivid tem ideias, ah?

ANDREONE - As ideias agora são diferentes.

GIOVANNI - Que diferentes? Que diferentes?

ANDREONE - Precisamos de um Partido.

GIOVANNI - A gente escolhe fulano, fulano, fu-
lano e diz: "Vósde me governem." Não, io me go-
verno! Os operários não precisam de governo.

ANDREONE - Os sovieticos fizeram um governo
operário.

GIOVANNI - O anarquismo... O ideal anarquista...

CARMELA - (OFF) Giovanni!

GIOVANNI - Io?

ANDREONE - Enquanto a gente está discutindo
o ideal anarquista os sovieticos derrotaaram o czar e
venceram a guerra civil.

GIOVANNI - Não sei io que me faleis de ideal
anarquista?

CARMELA - (OFF) Giovanni!

GIOVANNI - Já viu, Carmela. Um momento,
Andriana. (ENTRA CARMELA, ANDREONE
SAI)

CARMELA - A dona Josefa quer falar com io.

GIOVANNI - Entra, Josefa. (MULHER ENTRA)
En?

D. JOSEFA - É a conta, seu Giovanni.

GIOVANNI - Que conta?

D. JOSEFA - Da minha venda. Faz três meses
que o senhor não paga.

GIOVANNI - (SINCERAMENTE PREOCUPA-
DO) Três meses? É como a signora tem vivido.

D. JOSEFA - Graças a Deus o senhor não é meu
único freguês.

GIOVANNI - Si, claro. Mas, sabe, signora
Josefa, a eu... não tenho! Não tenho dinheiro!

D. JOSEFA - Como não tem?

GIOVANNI - Não tenho não tendo. Assim!
(PÔE OS BOLÇOS PARA FORA)

D. JOSEFA - É eu? Como é que fica?

GIOVANNI - A signora tem outros freguêses,
não é não? Vai vivendo... Assim que io poder io
pago.

D. JOSEFA - Não dá pra esperar mais.

GIOVANNI - Que quer que io faça? Io sou um
Barabara, não sou um Materazzo.

D. JOSEFA - É eu também sou uma Josefa An-
tonio, não sou a mulher do Conde Grazi.

GIOVANNI - Então ficamos assim: io não sou
um Materazzo, a signora não é a mulher do Conde
Grazi. Não tem de mais io pago.

D. JOSEFA - Não! Du paga hoje ou não compra
mais na minha venda.

GIOVANNI - Ma non, signora Josefa, compreen-
da, io tenho uma máfia...

CARMELA - (PRESENTINDO) Calma, Giovan-
ni.

GIOVANNI - (CONTENDO-SE) Io estou calmo.
Não está vendo que io estou calmo? (PARA D.
JOSEFA) Entende, signora Josefa? A vida está
difícil...

D. JOSEFA - Isso não é de minha conta. Eu não
sou daqui tem o dinheiro.

GIOVANNI - (CONCORDANDO) Si, é claro...
A signora... (EXPLODINDO) Ma vói! Ma vói com
tue dinheiro e tue venda ao massa dell'interno!
Tu sei una tebra! Sai, antes que io... (D. JOSEFA

SAI RESMUNGANDO: Ao inferno, sempre aqui!
Ladra!

CARMELA — (SEGURANDO GIOVANNI) Calma, Dio Carri!

GIOVANNI — Calma, calma, calma! (PAUSA. GIOVANNI MENEIA A CABEÇA DESANIMADO) Carri! Se o pólo que a gente põe na boca é propriedade dos outros, a vida da gente também é propriedade deles!

CARMELA — Dio, dio, dois pesos e três medidas. (GIOVANNI FALA COMO SE GENNARINO ESTIVESSE PRESENTE. VAI EM DIREÇÃO ONDE SUPOSTAMENTE ELE SE ENCONTRA)

GIOVANNI — Mã, como comunista, filho? Não siamo anarquista. É contra a natureza um pai anarquista ter um filho bolchevista! (GENNARINO ENTRA. GIOVANNI FALA DIRETAMENTE A ELE) Estando, filho?

GENNARINO — É o senhor mesmo que fala que cada pessoa tem seu modo de pensar.

GIOVANNI — É certo. Mas tu vai pagar tudo fora pra fazer uma aventura.

GENNARINO — Não é aventura, papa.

GIOVANNI — Não conseguimos muita coisa, é certo. Mas temo que ficar com nossas idéias está conseguindo.

GENNARINO — Papa, as coisas...

GIOVANNI — Um partido! Os operários não podem por todas suas conquistas na mão de quatro ou cinco de um partido!

GENNARINO — É um partido que vai tornar possível essas conquistas.

GIOVANNI — Mã vê! Você não sabe nada! Ouvi duas ou três frases e fica repetindo.

GENNARINO — É o senhor pensa que sabe tudo?

CARMELA — Gennarino, respeita teu papel!

GIOVANNI — (AGASTADO) Espere, Carmela! Não estamos brigando, estamos discutindo. Um partido! Um partido converte! Cinco ou seis pessoas não podem dizer à classe trabalhadora o que deve fazer.

GENNARINO — Um partido organizado e disciplina a luta.

GIOVANNI — Corraça, filho.

GENNARINO — Muitos companheiros do senhor

não pensam assim!

GIOVANNI — Andreone, ah? É claro! Carri, Andreone é um renegado!

CARMELA — É mesmo! Ia sempre falar que Andreone não era buona cosa. Ele fica enchendo a cabeça do Gennarino de idéias, de coisa, é um diabolizador!

GIOVANNI — Mas che cosa? Como fala assim de Andreone? Ele é mio amico!

CARMELA — (SE EXPLICANDO TIMIDAMENTE POR CAUSA DA REAÇÃO DE GIOVANNI) Mas tu falou que ele é um renegado...

GIOVANNI — É um renegado. Um renegado político! Não um diabolizador! Mã vê! (SAI)

CARMELA — (RESMUNGANDO OFENDIDA) Fala que é um renegado... Mã não é um renegado... Quem estava? (SAINDO JUNTAMENTE COM GENNARINO) É culpa tua, Gennarino! Tu está fazendo cabeça dura como teu pai!

GENNARINO — O que foi que eu fiz? Você é que...

CARMELA — Você, não, signora! Ia como tua mamma. Não é assim! Ninguém respeita! (SAEM. GIOVANNI ENTRA POR ONDE SAIU, ACOMPAANHADO POR ANDREONE)

GIOVANNI — (COM FIRMEZA) Tu é um bolchevista, um comunista. Vê bem, Andreone, mã ia continuar anarquista!

ANDREONE — Mã Giovanni, tu continua...

GIOVANNI — Já sei. Continua cabeça-dura...

ANDREONE — Escor!

GIOVANNI — ... e dando dois pesos e arrumando três encostas, mã ia não paga fora mais de dez ano de luta.

ANDREONE — Ninguém tá pagando fora. Vamos aproveitar essa experiência...

GIOVANNI — (Doz ano de coisa que aprendeu, de coisa que foi aprendendo com muita dificuldade, que não temo cabeça-muito fora pra aprender em livros essas coisa de política.

ANDREONE — Não é questão de livro.

MARIA — (ENTRANDO) Papa, deixa eu ir...

GIOVANNI — (CORTANDO) Pede a tua mamma! (MARIA SAI CONTRARIADA) Mã não posso ir...

que passei mais de dez anos lutando numa coisa errada.

ANDREONE — A coisa não é errada, é o caminho, 17 está a sete anos atrás. Muita coisa mudou. GIOVANNI SE AFASTA PENSATIVO: A mãe em 17 e 18 nos nutriu proles. Onde estão nossas oito horas, os nossos salários? Temos que preparar a ação!

GIOVANNI (Senta, Andreone) Você não tem palavra pra me convencer e eu não tenho palavra pra me defender. A minha cabeça nunca tem palavra suficiente. (ANDREONE SAI, GIOVANNI FICA PENSATIVO)

MARIA — (ENTRANDO) É pau! A mamãe falou pra eu pedir pro senhor. O senhor fala pra eu pedir pra mamãe. É pau!

GIOVANNI — (ASSORTO) Que cosa é pau?

MARIA — É isso! É esse empurra-empurra!

GIOVANNI — (MEIO IRRITADO) Que pau? Que empurra-empurra? Fala língua de gente! Que é que você quer?

MARIA — No baile é noite. Na fitofarmacina.

GIOVANNI — Com quem?

MARIA — Com Ribeiro.

GIOVANNI — É já pode ir saindo é noite com rapazes? É quem é Ribeiro?

MARIA — Ele é de tecnologia. É amigo de Genarrino.

GIOVANNI — Não!

MARIA — Genarrino não quer ir, a mamãe não pode.

GIOVANNI — Sancha, não. Tu é muito criança.

MARIA — Pra comer pó de jure na tecnologia eu não sou criança. Tenho 17 anos. Sou grande pra trabalhar, sou grande pra sair!

GIOVANNI — (SURPRESO E IRRITADO COM A REACÇÃO DE MARIA) Como me fala assim, inocente? É se tu fosse filha de meu pai, de Gerônimo Barachetta, tu não falava assim! Naquela tempo mulher nunca levantava a voz!

MARIA — O senhor é que sempre fala que se falar baixo não resolve, tem que gritar. O senhor é

enxerista, meu pai não era.

GIOVANNI — O senhor tem que gritar com o patrão, tu não sou patrão, cretino! Ah! Agora tu também tem falar (COM UM GESTO, SEM NEM OLHAR MARIA, IRRITADO) Sai daqui! MARIA PERMANECE PARADA, RECÍDIA, MAS FIRME, NUNCA VIU SEU PAI ASSIM. GIOVANNI ESTÁ CONFUSO) Que está acontecendo nesta casa? Que está acontecendo no mundo? Casa de Dio Carai (PERCEBE MARIA, IRRITADO, MAS SEM VIOLÊNCIA, COMO NUMA REPRENSÃO) É tu? Que faz parada? ENFRENTAM-SE COM O OLHAR, MARIA OLHA FIRME) COMO UM BICHO ACUADO. GIOVANNI SE DESANIMA) Mãe aí, que tu parou com tua noiva, MARIA CÁ UM MURRODO) Sabe porque?

MARIA — (EMBURRADA) Não.

GIOVANNI — Porque é cabeça dura! Mãe foi chego falando em casa, tu era pequeno. Discutiram e o papo pegou um pau pra bater nela. Ela fazia polenta e papo milho, colher, polenta, tudo em cima dela. (MARIA RI) Tu ri, né? Depois pegou as crianças, chamou as mulheres da vizinhança e ficou gritando: "Vieni fuori, disgraziato! Vieni che te ammazzi, porto cane!" (RI).

MARIA — É o nome?

GIOVANNI — É ele lá só? Tinha mais de dez mulheres na rua. Mas também nunca mais chego falando em casa. (TENTANDO MANTER A AUTORIDADE) É tu parou o sangue ruim da tua noiva. (GESTO DE IRRITAÇÃO E ADMIRAÇÃO) E também está aprendendo a cozinhar muito depressa, ah. (PAUSA, DESANIMADO) Vai, filha, depois vou te contar sobre o baile. (MARIA SAI) Mãe lá ainda te acho muito criança. (PAUSA) Menada, que hoje todo mundo tem falar!

CENA 3 — A REVOLUÇÃO DE 1934

(SONS ESPARSOS DE METRALHA, SONS LONGÍNQUOS DE CANHÃO)

CARMELA — Madonna di Dio! Que é que tu, Giovanni?

GIOVANNI — (PARA O PONTO) Foi a revolução de vinte e quatro. Os tenentes queriam derrubar o presidente Arthur Bernardes. No dia em que o general dos rebeldes, Antônio Dias, tomou São Paulo e pôs fogo nos armazéns.

GIOVANNI SAI, (EM OFF CRIANÇAS CANTAM UMA QUADRA DA ÉPOCA)

CRIANÇAS — (CANTAM)

"Isidoro não tem medo
Nem temposos - tem prapuca
Vai fazer de Arthur Bernardes
Um pedaço de linguiça?"

CARMELA - (VOLTANDO, GRITANDO PARA FORA) Dona Auguste! Seu filho está na rua.

AUGUSTA - (OFF) Vitorino! À casa, rápido,
que te rompo la facola.

CARMELA - Vitorino! Vá pra tua casa, menino!

PONTO - O que a senhora lembra desses dias?

CARMELA - Não queria saber. Uma confusão
tão grande. Ah! Foi uma coisa terrível! Um medo!
(GRITA) Giovanni! Onde está Giovanni?! (CHAMA
DESESPERADA) Maria! (MARIA VAI EM
DIREÇÃO À SAÍDA, ENCONTRA MARIA QUE
ENTRA) Onde é que estava? Que estava fazendo
na rua, delinquente!

MARIA - Eh, mamãe, eu não sou mais criança!
Estava com o papai.

CARMELA - Ninguém é bastante grande para
não levar um tiro. (BATE NA BOCA) Ave Ma-
ria, Deus me perdoe, que com esta revolução nin-
guém sabe o que pode... E onde está Giovanni?
(GIOVANNI ENTRA JUNTAMENTE COM
GENNARINO TRAZENDO SACOS DE MANTI-
MENTOS)

GENNARINO - Pegamos no armazém.

GIOVANNI - Comida pra um mês.

GENNARINO - Tê uma confusão doida. O povo
tá assustando todo.

CARMELA - Que tem na cabeça, vocês. Santa
Madonna! A polícia...

GENNARINO - Não tem polícia, mamãe. O go-
vernador fugiu e a polícia está toda no quartel sem
saber o que fazer.

CARMELA - Mas vocês custaram?!

GIOVANNI - Não! A propriedade é que é um rou-
bo!

CARMELA - Vai dizer isso pra polícia! (MARIA
RETIRA OS MANTIMENTOS)

GIOVANNI - E depois, se a revolução de Isidoro
é pra povo (já pegamos a nossa parte, se não é pra
povo noi (já desaparece).

CARMELA - Tu não pensa!

MARIA - Feijão, farinha... Quanta carne-seca!

GENNARINO - Foi eu que peguei. Tem quatro
cinco quilos.

MARIA - Vamos voltar lá, pai?

CARMELA - Você sabe a boca!

GIOVANNI - Não, é o suficiente. Temo que dei-
xar para os outros.

CARMELA - (VERIFICANDO OS MANTIMENTOS)
E tu, Gennarino! (REPREENDE SEM MUITA
CONVICÇÃO) Você vai atrás de seu pai que
você vai... E Maria? Que foi fazer lá? É uma cri-
ança, Giovanni... Quando de Fátima Manóia, que
faz tanta tempo que lá não... Eh, Giovanni, se pe-
disse ter pegado um vinho!

GIOVANNI - Ma vê! Pensa que estavam distribui-
ndo presentes? Foi um saque, uma expropriação
dos proprietários (SONS DE CANHÕES E ME-
TRALHAS)

CARMELA - Dis. É se uma bomba cair aqui?
Onde estão lutando, Giovanni?

GENNARINO - Vou dar um pulo na casa de An-
dreone pra saber o que está acontecendo. (SAI)

GIOVANNI - Volta logo!

CARMELA - IA GENNARINO QUE JÁ SE FOI
Gennarino, não sabe na rua! Dis, Giovanni, não
sei depois. (PEGA OS MANTIMENTOS) Maria, es-
quede o escondido isso que se a polícia sabe... No
tem troneio onde mora Andreone!

MARIA - Não, mãe.

PONTO - E Isidoro?

CARMELA - (SAINDO COM MARIA) Não sei
de casa, Giovanni!

GIOVANNI - Certo, certo! (PARA O PONTO)
Que cosa perguntou?

PONTO - O general Isidoro. Ele deixou o po-
siquem os armazéns?

GIOVANNI - Mandou a polícia impedir o saque
mas pra ser simpático ao povo mandou fazer
preços. Alguns anarquistas queriam apelar a não
fazer...

PONTO - Eu - queria saber mais sobre Isidoro

GIOVANNI - (ALGO IRRITADO, INTERRO-
GADO EM SUAS LEMBRANÇAS) Não interres-
sa. Não me interessa Isidoro, Gennarino... Se ti-
nou um homem feito, se não tinha perdido
(ENTRA ANDREONE, RIBEIRO E GENNA-
RINO) Sai Andreone, quero falar com Gennarino

RIBEIRO — Vai ter luta de qualquer jeito. A gente tem que escolher de que lado fica.

GIOVANNI — Basta Ribeiro, você ainda está calpo curto e mau lado já estava escolhido. Seis, já disse. Quero falar com meu filho.

ANDREONE — IDIOTA GIOVANNI, SENTE O CLIMA, E DIZ PARA GENNARINO! A gente tá aqui lá fora, IPEGÁ RIBEIRO PELO BRAÇO E SAEM!

GENNARINO — Escuta, papai!

GIOVANNI — Não tá nem escutando! Escuta tu, idiota!

GENNARINO — O senhor precisa...

GIOVANNI — Io preciso não me meter numa confusão que não é minha. É tu também!

GENNARINO — Os anarquistas apoiam a revolução.

GIOVANNI — Alguns! Outros, como io, pensam que não devemos acabar tiro na cara pró fazer a revolução pra fidon!

GENNARINO — Eu não vou discutir mais!

GIOVANNI — Vait! Tu está em mia casa e io souo teu pai!

GENNARINO — Se é por isso eu saio dessa casa!

GIOVANNI — Então vá. Maladetta imbecil! GENNARINO FICA PERPLEXO ALGUNS INSTANTES, DEPOIS DÁ AS COSTAS E SE DIRIGE À SAÍDA. GIOVANNI VAI EM SUA DIREÇÃO E O PUXA VIOLENTAMENTE! Tu vai ficar, cretino, nem que io tenha que arrabentar essa tua cabeça de burro!

GENNARINO — O senhor não vai me impedir.

GIOVANNI — (VIOLENTO) Maladetta cretino!

GENNARINO — As tropas de Artur Bernardes já estão chegando, papai!

GIOVANNI — Que Bernardes e fidon tá arranjando e se comam! Siamo carcamano e uma revolução só vale o nada se for nossa!

GENNARINO — Vamos entrar nela e fazer ela ficar nossa. Vamos pedir armas e fidon.

GIOVANNI — Tu é novo, io queria que mio pai se arrastasse aqui pra contar o que é a guerra civil. É uma carnificina! Tu não sei!

GENNARINO — Fidon não tem saída. Ou arma

e povo ou se rende.

GIOVANNI — É problema dele, caso!

GENNARINO — Quando Bernardes começar a bombardear a cidade, as bombas não vão cair só nos quartéis, É problema nosso. É nossa única saída!

GIOVANNI — Não é saída, É a entrada mais curta pro inferno, imbecil! Tu não sei.

GENNARINO — Chega, pai! Vai ter luta de qualquer jeito. E eu não vou ficar em casa se posso me defender na rua! Fica o senhor em casa!

GIOVANNI — Cede a boca! (GENNARINO VAI EM DIREÇÃO A PORTA) Gennarino!

GENNARINO — (ENFRENTADO) O senhor não vai me impedir, pai.

GIOVANNI — (IRRITADO E IMPOTENTE) Vait! aqui mais tarde!

GENNARINO — Não, Não vou discutir mais!

GIOVANNI — Vai discutir, sim! Filho, tenta me provar que io estou errado, caso! Mendá de rapanta, soldado vem não sei de onde... io tanto colia curta, io sei! Mendá io não entendo perché tu... volta muito tarde, filho. Se tu me convence io vou com você...

GENNARINO — Está bem, papa. (SAI)

PONTO — É fidon deu as armas? (GIOVANNI NÃO RESPONDE, PENSA NO FILHO. PONTO PERGUNTA NOVAMENTE) Giovanni, fidon deu as armas?

GIOVANNI — (APÓS BREVE PAUSA, COMO SE VOLTASSE DAS LEMBRANÇAS) Não deu, nem se vendeu. Fugiu quando as tropas de Artur Bernardes começaram a pagar bomba na cidade. É isso que me lembra da revolução de 24, minha memória já não anda boa.

CARMELA — IDIOTA, PARA O PONTO! Mas eu na lembrô, moço. As bombas começaram a cair, estrondo que a gente ficava surda. Uma desgraça! A dona Augusta, lembra Giovanni, costado, perdeu o filho. (MASCADA E IRRITA-DA) Não, você não lembra! Não estava em casa!

GIOVANNI — Carmela, por favor...

CARMELA — Passa hora até eu que devia esquecer o que aconteceu!

GIOVANNI — Não vamos discutir isso na frente de nenhuma! (PARA O PONTO, SE JUSTIFICANDO) Eu estava no sindicato quando...

CARMELA — (PARA GIOVANNI) Deixou a família sozinha em casa. A Maria era criança ainda, só tinha dezessete anos. Se mijou interiorina, coitada!

GIOVANNI — (PARA CARMELA) Cáspita! Tinha uma revolução na rua e eu lá ficar dentro de casa?!

CARMELA — Você foi pró tua revolução e tua família ficou recebendo bombas na cabeça. Mãe, eu e Maria tivemos que ir pra casa de uma conhecida do outro lado da cidade. (PARA GIOVANNI) Mas você não viu? (PARA O PONTO) Quando estavam as ruas estavam cheias de pedras que os homens tinham amontoadas pra fazer barricadas. Era uma confusão, tudo destruído. (CARMELA FALA COMO SE ESTIVESSE CHEGANDO AO LOCAL, DIRIGE-SE AO FUNDO DO PALCO) Eu vi dona Augusta tentada na frente da casa. "Som dia, dona Augusta". Ela disse: "Meu filho, Vitorino, morreu." E eu meia louca, respondi: (COMO SE RESPONDESSE A UM CUMPRIMENTO) "Bem, é a sua família, como vai?"

GIOVANNI — (AO PONTO) A revolução durou vinte e dois dias. Os soldados de Arthur Bernardes passavam com um canhão para recuperar tudo que o povo tinha saqueado.

CARMELA — (OFF) Giovanni!

GIOVANNI — O que é? (PARA O PONTO) Depois da revolução muita gente foi perseguida.

CARMELA — O jantar está pronto.

GIOVANNI — Já viu, (PARA O PONTO) André não foi deportado para a Itália.

PONTO — O senhor teve notícia dele, depois?

GIOVANNI — Uma carta ou outra. Soube em 30 que ele foi preso pela polícia de Mussolini. Vamos jantar? Ainda falta muita coisa pra contar. (GIOVANNI VAI EM DIREÇÃO DOS BASTIDORES, PONTO SAI)

CENA 4 — UM TRANQUÍLO JANTAR EM FAMÍLIA

(GIOVANNI LÊ UM JORNAL, CARMELA COSTURA, MARIA AJUDA CARMELA)

MARIA — Genarrino está demorando.

CARMELA — É. Genarrino tem chegado muito tarde. Tu precisa falar com ele, Giovanni. No jantar a família tem que estar reunida.

GIOVANNI — (ASSORTO, LENDO O JORNAL) Sim, o novo presidente é Washington Luís, Arthur Bernardes já foi e já foi tarde!

CARMELA — Já estava falando do Genarrino. (BREVE PAUSA) Rai entra, rei sai, e a realidade não sai, dura minha menina.

GIOVANNI — Que tem que ver a realidade com Genarrino.

CARMELA — Agora já estou falando da saída do presidente.

GIOVANNI — Mas que coisa que fala duas coisas ao mesmo tempo? Já falei do Genarrino, tu me responde de realidade. Está falando com esse ideal?

CARMELA — Cadêco é tu que mistura tudo. (MARIA COMEÇA A RIR E TOSSE) Os pulmões de novo?

GIOVANNI — Estão doendo, filha?

MARIA — Então melhorai.

CARMELA — Ainda bem que diminuíram o trabalho.

MARIA — Diminuíram, mas diminuíram também o salário.

GIOVANNI — Estão diminuindo o trabalho e não podemos fazer nada! Tu devia ter ficado em casa. Comer pó de fé quatro dias na semana pra ganhar uma miséria.

MARIA — A gente precisa do que eu ganho.

GIOVANNI — (CONDÓCIDO) É certo.

CARMELA — Tu está bem mesmo, filha?

MARIA — É... É só um pouco de cansaço.

GIOVANNI — Miséria!

MARIA — Genarrino está demorando.

CARMELA — Deve estar com aquele amigo dele, o Ribeiro.

GIOVANNI — (IRÔNICO) Entende porque Maria acha que Genarrino demora?

CARMELA — Já vai dar em casamento.

MARIA — Ih, não! Não tem nada de casamento!

CARMELA — Ele é um bonito rapazinho. Para que só anda metido com política.

MARIA — Pense porque? O papa é o Gennarino, também se metem em política.

CARMELA — Deus na família já é suficiente, nessa família é preciso gente que vá lá fora da cidade quando tem preso e que ganhe pra comê quando eles estão despeitados por greva.

GIOVANNI — (IRRITADO) Já fez isso comê neste caso? (RECONSIDERANDO) Sim, é claro, sempre fez isso. Mas nunca fez isso mais nem menos porque lá estava desempregado. Tu quer que Maria case com um alcofodinho?

CARMELA — Claro que não. Mas que o homem que ela usa não passe a vida metido em enxada.

GIOVANNI — O que tu chama de enxada tem outro nome, se ela case com Ribeiro lo aprova.

MARIA — (IRRITADA) Não estou pensando em casamento!

GIOVANNI — É porque não?

CARMELA — Estão sempre juntos... lo pensa...

MARIA — Mas eu ainda não penso.

CARMELA — Então já está no tempo de pensar. Io, com vinte ano já estava casada. E eu não acho Ribeiro um mau rapazão.

GIOVANNI — Tem um único defeito! É bolchevista!

CARMELA — Que coisa?

GIOVANNI — Comunista. Marxista. Bolchevista. (ENTRAM GENNARINO E RIBEIRO) Ecco! Estão chegando. Assim! Como está, Ribeiro?

RIBEIRO — Bem, é o senhor? Continuo falando mal da gente?

GIOVANNI — É. Um pouco por dia. Porque se lo falar mal tudo de uma vez só, vocês não aguentam. Vocês não resistem a uma discussão rasa, rasa, rasa!

GENNARINO — O senhor está com a cabeça das anos atrás, papa. Longe de ficar com a cabeça em TI.

GIOVANNI — Quem está com a cabeça em TI? Io estou com a cabeça aqui!

CARMELA — Santa, Ribeiro.

MARIA — Cuidado, Ribeiro, que antes de você chegar, o papa e a mamãe estavam querendo fazer o seu feitiço.

CARMELA — Maria! Sou, Ribeiro, que esse me-

nino não sabe o que fala... (TENTANDO MUDAR DE ASSUNTO, IRRITADA) E tu, Gennarino, porque não vem na hora pra comer.

GENNARINO — Hoje não deu, mãe. Amanhã eu chego. A gente queria falar com o senhor, papa.

GIOVANNI — Io já sei. Vocês querem a frente operária, né, Ribeiro?

CARMELA — Mas não! Dio, vão discutir!

GIOVANNI — Política se discute em qualquer lugar, principalmente nesta casa.

CARMELA — Mas como sempre vocês vão brigar por todos vizinhos quem

MARIA — Ih, mãe, deixa o Ribeiro falar.

CARMELA — Mas que atrevida! Tu não fala assim com tua mamãe!

GIOVANNI — (CANÇADO) Basta, má banta, Carmela!

CARMELA — Está bem. Io não faço mais nada nesta casa!

GENNARINO — Então, papa? A gente quer uma resposta. Ainda vamos na casa de outros passas.

CARMELA — Vai é rua a esta hora sem jantar? Ma Gennari... (BATE NA PRÓPRIA BOCA) Calte boca, que nesta casa io não posso falar.

GIOVANNI — Io conversei com os companheiros. Ficamos operária no fazemo no sindicato, nas greves, mas não votamos pro parlamento. Parlamento é coisa do governo é casa da burguesia. E aí os operários não entram.

GENNARINO — Os operários entram em qualquer lugar. O governo é o parlamento tem que ter a casa dos operários!

GIOVANNI — Frente operária no sindicato, mas não votamos nas eleições pro parlamento. Que ma diz, Ribeiro? Ma io quero a tua opinião, não a opinião de teu partido, porque cada um tem uma cabeça e deve fazer uso dela.

GENNARINO — (DESANIMADO) Eu te falei que desse muito não sai coelho.

GIOVANNI — Cada pessoa tem uma cabeça e deve pensar por si.

GENNARINO — Devemos ter consciência de classer!

GIOVANNI — Que consciência de consciência é essa de vocês que querem que o operário participe de um parlamento burguês?

RIBEIRO — Não não podemos nos isolar, seu Giovanni. Devemos estar em todos lugares que pudermos, no parlamento no sindicato.

GIOVANNI — Sindicato si, parlamento, não.

GENNARINO — Papa, agora que Artur Bernardes saiu, que não tem mais o Estado de São...

CARMELA — Madonna mãe!

GIOVANNI — Calenta, Carmela! É preciso por o seu talão na cabeça dele. Artista, imbecilidade, o manipulamos...

GENNARINO — (ALTO) O anarquismo não conseguiu manter nenhuma conquista!

GIOVANNI — (EXTREMAMENTE IRRITADO) Não me venha ensinar o que o operário deve ou não deve fazer! Você tem muitas idéias, mas o que se falta de idéias é tanto de vida! Nós fizemos uma greve de 50 mil e ainda não conseguimos lutar em cinco mil na rua.

CARMELA — Santa, Giovanni!

GIOVANNI — Que batar!

CARMELA — Então grite mais baixo! Sou, Ribeiro, mas quando esses dois comecem... Maria, vá trazer um café pro seu Ribeiro...

GIOVANNI — (MAIS CALMO, PARA RIBEIRO) Sou, eh? Mãe, lá vezes, é preciso discutir porque você tem a cabeça um tanto fechada! (NESTE MOMENTO, MARIA E RIBEIRO SE LEVANTAM, SE OLHAM E LENTAMENTE SE DIRIGEM AO OUTRO CANTO DO PALCO COMO DOIS NAMORADOS, O MOVIMENTO DOS DOIS NÃO IMPLICA NA PARALISAÇÃO DA CENA ENTRE PAI E FILHO QUE CONTINUA NORMALMENTE, O MOVIMENTO DOS DOIS É FEITO MUITO LENTAMENTE, DE MODO QUE ELAS CHEGUEM AO LADO OPOSTO NO MOMENTO EM QUE A DISCUSSÃO DE PAI E FILHO TERMINA)

GENNARINO — Não! O senhor é que é um cabeça de padre!

GIOVANNI — Porque? Porque penso que cada homem deve ser livre pra pensar?

GENNARINO — Não existe liberdade do indivíduo!

CARMELA — Gennarino, não começa...

GIOVANNI — (SE INFLAMANDO) Acima do homem, só o cabalo! Nem Dio, nem Governo, nem papado!

CARMELA — Giovanni, por favor...

GENNARINO — Acima do homem está a solidão ridícula, seus companheiros, sua classe!

CARMELA — Deus São Gennaro, ajude!

PROSEQUE A DISCUSSÃO ENQUANTO A LUZ CÁL, LUZ TORNA-SE MAIS FORTE ONDE ESTÃO RIBEIRO E MARIA)

CENAS 5 — DO AMOR, DO RIBEIRO E DE OUTRAS COISAS

MARIA — Vamos amarrá no Jardim de Luz?

RIBEIRO — Não vai dar, eu já te falei.

MARIA — É a sua foto que te pedi?

RIBEIRO — Semana que vem eu trago.

MARIA — Você é muito promissor, mas não cumpre nada.

RIBEIRO — Briga com o seu irmão, é lá que marcou pra gente ir na reunião.

MARIA — Porque você não caza com meu irmão?

RIBEIRO — Seu pai não ia gostar.

MARIA — (ABORRECEDA) Engracadinha! (RIBEIRO DÁ-LHE UM BEIJO DE SURPRESA) Ribeiro!

RIBEIRO — Enapoe.

MARIA — Não faz isso! Se minha mãe vê...

RIBEIRO — Se sua mãe não ver não tem problema? OLHA DE UM LADO PRA OUTRO E RAPIDAMENTE E DÁ-LHE OUTRO BEIJO!

MARIA — Ribeiro!

RIBEIRO — (SE DESCULPANDO) Sua mãe não estava vendo?

MARIA — Um dia você ainda vai tomar uma no fogo da mamãe!

RIBEIRO — Seu pai me defende.

MARIA — Sei! Do jeito que você e meu irmão estão brigando com ela...

GENNARINO — (ENTRANDO) Pode despertar, Ribeiro! Pode despertar! Eu como irmão mais velho preciso tomar conta da minha irmã.

RIBEIRO — Precisamos ser unidos.

GENNARINO — Na política, Pré minha irmã eu quero coisa melhor do que um nordestino da favela do mundo.

RIBEIRO — Fim do mundo é o lugar de casamento onde você nasceu.

GENNARINO — É é que chama o lugar que você nasceu? Não precisa dizer que não tá no mapa.

MARIA — Eu posso entrar na conversa dos dois namorados? Vai embora, Gennarino, TEMPURA O IRMÃO! Amadã você dois vão ter o dia todo pra conversar.

GENNARINO — (ENTRANDO) Mamã, vem ver o que o Ribeiro e a Maria estão fazendo no penão!

CARMELA — (OFF) Marian (SURGE) Que está — OLHA PROS DOIS E PARA GENNARINO! Que eles estão fazendo?

GENNARINO — Conversando, (ENTRA CORRENDO)

CARMELA — Mister! Me chama pré nada? Te não frita na fogueira (PARA OS DOIS) Io não gosto que fica namorando no portão, ah?

MARIA — Mãe, está claro ainda, mamãe!

CARMELA — Está certo. Mas de saída hora, namora dentro de casa! ILUZ CAI E SOBE SOBRE GIOVANNI E GENNARINO

GIOVANNI — Que Carmela non ocupa, filha, mas aquela Lucitina, ah, filha! Que mulher!

GENNARINO — É muita conversa tua, papa.

GIOVANNI — Vai na Itália, vai, Pergunta na minha cidade quem era Giovanni Benichetta, Pergunta! Tua mamãe conheceu a Lucitina.

GENNARINO — Eu vou perguntar pré ela se é verdade.

GIOVANNI — Não! Não me faça esse disgraçado! A Carmela queria matar a Lucitina.

GENNARINO — A mamãe?

GIOVANNI — Io estava passando com Carmela quando veio Lucitina com aquelas anca que tá aí ela tem, io non vi, mas Carmela disse que ela picou pré mim. Tua mamãe, botou as mãos na cintura e "Che pensa, putana!", "Ladra di merita!", "Io te uocido!"

GENNARINO — (RINDO) A mamãe?

GIOVANNI — É, Carmela era uma cabra! Depois que eles acabou fama, tudo. Se ela ainda é cabra hoje, na Itália era uma casaca! ILUZ CAI SOBRE OS DOIS, SOBRE EM RIBEIRO E MARIA QUE PASSAM DE UM LADO A OUTRO DO PALCO

MARIA — A gente não tem saído mais.

RIBEIRO — Estamos saindo agora.

MARIA — Depois de um mês.

RIBEIRO — Eu sei, mas o tempo está curto. Logo a gente vai ter mais tempo.

MARIA — Logo você arranja outras coisas, não sei onde.

RIBEIRO — A gente precisa estar em muitos lugares. O partido está crescendo. É preciso estar sempre discutindo... esclarecendo as pessoas.

MARIA — Volta e mais um de vocês é preso. Eu tenho medo. (CHEGAM AO OUTRO LADO DO PALCO. GENNARINO TOMA O BRAÇO DE MARIA E OS DOIS SE DIRIGEM AO OUTRO LADO ENQUANTO RIBEIRO SAI)

GENNARINO — Eu concordo, Maria. Mas acontece que você está um pouco desligada das coisas. Eu não quero ficar dando palpito, mas você deve participar mais. Aí você e Ribeiro vão passar mais tempo juntos. Lá na teologia, conversa com as pessoas, participa. Tem risco, é certo. Mas tudo na vida tem risco.

GIOVANNI — (DO LADO CONTRÁRIO DE ENTRE SÉRIO E JOCORO) Cuidado, Maria. Não vá atrás de Gennarino que basta um arrasto só na família. (CARMELA TOMA MARIA PELO BRAÇO E SE DIRIGEM NOVAMENTE AO LADO OPOSTO ENQUANTO GENNARINO SAI)

CARMELA — No começo eu non gostei muito dela, mas depois vi que é um homem buono. O que um bom marido.

MARIA — Mãe, quantas vezes eu preciso dizer que não estamos pensando em casamento?

CARMELA — Tu já tem 22 anos...!

MARIA — Vinte e um, mãe.

CARMELA — Vinte e um ou vinte e dois (já está na hora de pensar em coisa séria na vida. Com sua idade eu já estou casada e já tenho o Gennarino...) (CHEGAM AO EXTREMO DO PALCO. MARIA ENTRA E GIOVANNI TOMA O BRAÇO DE CARMELA)

GIOVANNI — Sabe o que me lembra esta lugar? De nossa cidade na Itália.

CARMELA — É, mais eu quero.

GIOVANNI — Tu não tens imaginação, lembra aquela montanha grande, com aquele campo bem verde embacico? Aquelas árvores onde a gente ficava?

CARMELA — Varchio sem-vergonha. Tu só lembra dessas coisas?

GIOVANNI — Que "dessas coisas"? É poesia o que tu estás falando. A montanha, o vento, as árvores. Bem, é claro que também me lembra o que a gente fazia dentro das árvores. (LUIZ CAI SOBRE GIOVANNI E CARMELA)

CENA 8 — DO AMOR, DO RECEIO E DE OUTRAS COISAS (III)

RIBEIRO — O que é que você acha?

MARIA — De que?

RIBEIRO — Como de que? Do que eu te falei.

MARIA — Não sei.

RIBEIRO — (CONDENANDO Maria).

MARIA — Eu não quero falar disso agora.

RIBEIRO — Ah, agora é difícil de te entender.

MARIA — Você é pau, Ribeiro! Que implicância!

RIBEIRO — Eu só queria que você falasse com eu não.

MARIA — Não só pra falar com eu não... Tem muita coisa que...

CARMELA — (OFF) Maria!

MARIA — Minha mãe tá me chamando. Outro dia a gente conversa melhor. (GRITA) Já vou, mamãe! Ciao, Ribeiro.

RIBEIRO — Não. Já faz muito tempo que você está nesse lugarinho. Eu tenho amor por você, você sabe.

MARIA — Sim. Eu também tenho.

RIBEIRO — Então porque fica nesse "nam não vem daqui." O que impede de a gente ir falar com o teu pai, agora?

MARIA — É melhor esperar.

CARMELA — (OFF) Maria, vem logo. O terreno não é bom pra seus pulmões.

MARIA — Tá, mamãe! Eu preciso entrar.

RIBEIRO — Posso falar com seu pai que a gente fica noivo?

MARIA — (DEPOIS DE PEQUENA PAUSA) Não. Por favor, não fica irritado comigo.

RIBEIRO — (DEPOIS) Olha pra mim. O que está acontecendo?

MARIA — Eu preciso entrar.

RIBEIRO — Está bem. A gente se encontra quando puder conversar como adultos.

MARIA — Ribeiro!

CARMELA — (OFF, JÁ IRRITADA) Maria! Vem!

MARIA — Já vou! Estou só me despedindo!

CARMELA — De quantas pessoas pra demorar todo esse tempo?!

MARIA — Espera! Eu gosto de você, mas está acontecendo coisa... Vem, amorão!

RIBEIRO — Não.

MARIA — Não me força. Eu não sei o que está acontecendo. Mas entem eu era uma menina e você era o meu amigo mais velho que eu conheci. A gente começou a se gostar muito. Você me abraça e me beija. É bom... Encuro uma coisa aqui dentro... Vem, amorão! Ribeiro. Agora sou ainda mais depressa depois. Eu só tenho você e um amor... (GIOVANNI SURTE E VÊ OS DOIS ABRACADOS, LEVA UM CHOQUE E VOLTAR ATRÁS) Está frio... Não abraça... Vem, amorão!

GIOVANNI — (FAZENDO BARULHO DE PI E CHAMANDO ANTES DE ENTRAR) Maria! Os dois namorados se separam mas continuam se olhando! (É tarde, noite, é tarde, mas é tarde).

RIBEIRO — (QUE CONTINUA A OLHAR MARIA COMO SE NÃO HOUVESSE SIDO INTERROMPIDO POR GIOVANNI) Eu tenho amor

GIOVANNI — (Logo! Ele vem amorão! MARIA! GIOVANNI INICIA A CONVERSA DE CONCERTADO) Bem... Eu gosto de você, Ribeiro... Eu tenho outro pessoa... Não é bom estar agarrado com Maria na frente de casa. Se a Carol vier... Eu não faço nada porque se já tiver a sua ideia. (DESCOMFIADO) Eu confio em você, e

RIBEIRO — Não se preocupe.

GIOVANNI — Sim, é claro. Como estou você

RIBEIRO — Bem.

GIOVANNI — É claro que estão bem! Mas que dizem? Por anos que vivia... Ou paga logo ou tira a mão, ah? (RII)

RIBEIRO — (RINDO) Estamos pensando.

GIOVANNI — Você de hoje não entendem muito de mulheres. Se você fosse anarquista ia te ensinar algumas coisas, mas como não é, vai ter que aprender sozinho. Ia não posso ajudar o tempo, ah? (RII) Boa noite, caro. Força e coragem, ah?

RIBEIRO — Boa noite. ISAI, LUIZ CAI AO MESMO TEMPO EM QUE FOCO ILUMINA O PONTO NO OUTRO LADO DO PALCO. PONTO BATE PALMAS

GIOVANNI — (ENTRANDO NO FOCO) Cae. Espero que não esteja cansado de me ouvir.

PONTO — Não. O que é isso?

GIOVANNI — Quanto tempo faz que eu estou falando como uma besta pra você ouvir? Três dias?

PONTO — Quatro.

GIOVANNI — É bom recordar. Pensar a vida que a gente leva. Eu gosto de falar. Por isso tenho paciência comigo. Eu tinha parado onde?

PONTO — O senhor estava falando de 1928.

GIOVANNI — Exat! Em 28, a crise foi terrível. Você sabe, a crise do café. (ENTRAM RIBEIRO E MARIA DE BRAÇOS DADOS AO FUNDO. MONTAM ALGUNS QUADROS MUDOS NA MÃO, BRIGA, ABORRECIMENTO, PAIXÃO, ETC.) Um desamparo muito grande. Me teve uma grande greve dos grifões. Os operários voltavam de novo às ruas. Me é que me fica na cabeça é que foi um ano muito triste pra Maria. (MUDANDO DE TOM, IRRITADO) Que aconteceu, Maria? Explique! LUIZ CAI SOBRE GIOVANNI E PONTO. SOBE EM MARIA E RIBEIRO

RIBEIRO — Você está quieta.

MARIA — Tá fazendo frio.

RIBEIRO — Você está quieta há muito tempo.

MARIA — Está fazendo frio há muito tempo.

RIBEIRO — Ih, diacho! Fala direito comigo.

MARIA — Você torpe.

RIBEIRO — Porquê o quê?

MARIA — Eu te falei que as coisas estavam indo depressa de mais.

RIBEIRO — Não estou entendendo.

ABRIL/MAR/2011

MARIA — Você não devia ter falado com meu pai.

RIBEIRO — Sobre o casamento? Você tinha sonhado, não tinha?

MARIA — (CONFUSA) Tinha, Ribeiro, tinha.

RIBEIRO — Então! (PAUSA, MARIA NÃO RESPONDE) Diacho! O que é que você entende que nunca dá pra saber?

MARIA — Eu falei que você tinha que ter paciência no tempo.

RIBEIRO — Mais do que eu tive?

MARIA — (DESESPERADA) É. Um pouco mais.

RIBEIRO — Chega um dia e a paciência acaba.

MARIA — Eu acho que ainda não estou preparada.

RIBEIRO — Prá casar comigo?

MARIA — Prá casar, pra viver...

RIBEIRO — Mas... De onde você tirou essa ideia, criança?

MARIA — As coisas são muito difíceis pra mim.

RIBEIRO — O que é difícil?

MARIA — Prá você, pro meu pai, meu irmão, até pra minha mãe as coisas são difíceis.

RIBEIRO — (CONFUSO) Pronto! Não entendo mais porcaria nenhuma! Você pensa de mim?

MARIA — Gosto, Ribeiro, gosto.

RIBEIRO — Então? Quando suas pessoas te gostam querem ficar junto. Quando querem ficar junto, vão morar numa mesma casa e dormir na mesma cama.

MARIA — Não.

RIBEIRO — Não é que? Não gosta, não quer morar junto ou não quer dormir na mesma cama.

MARIA — Não é isso. O que eu quero dizer... (PAUSA) Está fazendo frio... É uma coisa.

RIBEIRO — Você está falando de outra pessoa. LUIZ CAI SOBRE MARIA E RIBEIRO. SOBE SOBRE GIOVANNI. ENTRA CARMELA

GIOVANNI — Carmelina já chegou?

CARMELA — Não.

GIOVANNI — Quando eu vim ele já tinha saído do sindicato. Essa greve vai, O pessoal está animado.

CARMELA — Você tem falado com Maria.

GIOVANNI — Falei com Gennarino. A gente se une no sindicato. Foi eleição do parlamento, não. Não nos unimos no sindicato, a greve está quase pronta.

CARMELA — Então falando de Maria.

GIOVANNI — O que é que tem?

CARMELA — Não sei. Mas ela está muito esquieta. Faz uma semana que chega do trabalho e nem conversa, nem nada.

GIOVANNI — Maria é grande. Sabe o que faz. (ENTRA GENNARINO) Ah, Gennarino, eu estava...

GENNARINO — Onde está Maria? Maria?

CARMELA — Está lá dentro. Que cosa acontece?

GENNARINO — Ela vai ter que explicar distritinho Maria.

GIOVANNI — Mas, que demêrio, que entra batendo como louco? Que faz ela?

GENNARINO — Demanchou o noivado. Faz mais de uma semana!

CARMELA — É porque? (SURTE MARIA)

GENNARINO — Entra, Entra e explica o que é contoso, cretino!

MARIA — Não fala assim comigo!

GENNARINO — Falar é fácil...

GIOVANNI — (CORTANDO) Calam a boca! Quem grita nesta casa sou eu! Santa, Maria, (PERGUNTA COM FALSA CALMA) Então você demanchou o noivado? (MARIA ASSENTE SUCUM) Faz mais de uma semana e ninguém ficou sabendo... (SE IRRITANDO) Mas é claro, não aqui somos todos idiotas, ninguém precisa saber de nada, não?

CARMELA — Porque faz isso, incoerência? Se não gostava dela porque ficou esse tempo todo...

GENNARINO — Com quem é que você está namorando agora?

MARIA — Ribeiro foi casar, não é?

GENNARINO — Não, Ribeiro é doente. Eu é que vive que insistiu...

GIOVANNI — Santa, Gennarino!

MARIA — (PARA GENNARINO) Não me fale assim.

GIOVANNI — É tanta coisa também, Maria!

GENNARINO — Sabe o que Ribeiro disse, papa? Que Maria tinha outro homem.

CARMELA — Maria?

GIOVANNI — Sai, Carmela! Sai, Gennarino! (GENNARINO OLHA COM RAIVA PARA MARIA E SAI SEGUIDO POR CARMELA)

GIOVANNI — (AINDA TENTANDO CONTER A TENSÃO) Tem outro homem?

MARIA — (FIRME) Não, pai.

GIOVANNI — Tu não mentiria pra mim, não é?

MARIA — O senhor sabe que não.

GIOVANNI — Bem. Agora me explica que caso aconteceu, capô!

MARIA — Eu falei pra ele que gostava de outro pessoa. Foi demanchar o noivado.

GIOVANNI — Ou o mundo mudou ou os olhos estão demais pra entender. Explique!

MARIA — Ele não era o homem que eu queria.

GIOVANNI — E esperou todo esse tempo pra dizer? Que homem você quer? Um atorradinho um artista de cinema?

MARIA — Eu não quero um homem que sai do marido e volta pra casa dois anos depois porque estava preso.

GIOVANNI — Certo. Ele é preso porque é doente e não porque é criminoso!

MARIA — Como o senhor? Eu não quero fazer a vida que a mamãe levou!

GIOVANNI — Que tem a vida que a tua mamãe levou, cretina?

MARIA — Não tem nada, papa, só que eu não posso levar a mesma vida.

GIOVANNI — É porque? Por isso a vida de gente não é boa suficiente pra você?

MARIA — (DESESPERADA) Porque tenho medo.

papa! Sempre tive medo! Quando o senhor se pressa eu tenho medo, quando os soldados entravam aqui eu não eu tinha medo. Quando veio a revolução eu tinha medo!

GIOVANNI — (VAI RESPONDER MAS NÃO TEM COMO ARGUMENTAR, PARA NA METADE DO GESTO. PAUSA) Deixa-me! A vida da gente nunca foi dizendo: Medo! A gente foi vivendo, ultrapassando tudo na frente! Cansa de fazer a Madonna. A vida é dura! Medo! Medo!

MARIA — Eu não quero viver cheia de sustos.

GIOVANNI — Ninguém quer! Nem eu, nem tua mamma! Mas não vamos cansarmo-nos, calarmos de friadeira, e nos defendemos, filha! Eu, Gennarino, Ribeiro, temos a cabeça metida em política e tu mamma lá vem sofrendo por causa disso. Porque nossa vida não tem glória. Tem trabalho, risco e lá vem, medo. Fala só nos defendemos, amando?

MARIA — Eu entendo papa, mas...

GIOVANNI — (CONTANDO) Entendo tudo! Não vou mais pra lá pra lá buscar aventura. Não é adequado enfrentar sobre de poltrona de mão vazia. Se a poltrona prende, bate e invade nossa casa não é nossa culpa!

MARIA — Eu não estou culpando ninguém!

GIOVANNI — Dizer lá não tenho a cabeça grande suficiente pra entender o que se passa nessa casa e no mundo, lá não tenho o que te dizer, nem entendo muito o que está acontecendo. Mas não gosto do que está se passando, é claro? Você não quer mesmo casar com Ribeiro?

MARIA — Eu já expliquei porque, papa.

GIOVANNI — Lá não gosto da tua explicação! (PAUSA) Está bem! (CHAMA) Carmela! Gennarino! (OS DOIS ENTRAM, MARIA CHORA) Lá não entendo o que se passa na cabeça dela porque não é a minha, mas ela precisa de paz. (CARMELA VAI EM DIREÇÃO DE GIOVANNI) Ninguém mais toca no assunto do noivado de Maria nesta casa! (GENNARINO OLHA DURAMENTE PRA IRMÃ E SAÍ, SONO DE BANDAS E MARCHAS MILITARES, BURBURINHO DE POVO. DISCURSO DE GETÚLIO VARGAS, ENQUANTO A LUZ CAI)

CENA 7 — DISCURSO SOBRE O MEDO

GIOVANNI — (PARA O PONTO) É veio a revolução de Getúlio.

PONTO — É sua filha?

GIOVANNI — (CONTRAFEITO) Se casar em trinta e um.

PONTO — Com Ribeiro?

GIOVANNI — (IRRITADO) Não. Mas também eu não quero falar disso. Você veio aqui pra contar a minha história. Se você quiser saber a história de Maria, depois você pergunta pra ela. (PAUSA) No final de trinta e cinco Gennarino saiu de casa. (DIRIGE-SE A GENNARINO QUE ACABA DE ENTRAR) Filho, quero falar com você.

GENNARINO — Desculpa, papa. Estou estressado.

GIOVANNI — Não, filho, espere um momento. Precisamos conversar.

GENNARINO — Outro dia. Agora não...

GIOVANNI — Daí, Gennarino, que perder cinco minutos com seu pai não vai te stressar. Daí, filho, assim. (GENNARINO SE SENTA, PAUSA, GIOVANNI NÃO SABE POR ONDE COMEÇAR) Filho... Quando se casa, eh? Sim, porque uma mulher e filhos são coisas boas para um homem.

GENNARINO — Certo, papa, estou pensando nisso.

GIOVANNI — Bem. É como estão as mulheres? (MALICIOSO) Sabe o que eu digo, eh?

GENNARINO — (IMPACIENTE) É claro.

GIOVANNI — Bom! Você não pode negar a nega. Os Barachatas são conhecidos em toda Itália e agora também no Brasil. (RI SOZINHO, PAUSA)

GENNARINO — (APRESSADO) Vê, papa, dá o que tem a dizer. Não é mau casamento que te propoço.

GIOVANNI — Não é, filho, é sua mamma, sabe, ela se preocupa muito com você...

GENNARINO — JÁ IRRITADO) Eu já sou maior de idade.

GIOVANNI — Sim, mas você sabe como sou eu mesmo... (GENNARINO SE LEVANTA NOVAMENTE) Por favor, Gennarino, cinco minutos. (GENNARINO SE SENTA NOVAMENTE) Filho... Há mais de vinte anos eu sou anarquista.

GENNARINO — Pai, não vamos discutir.

GIOVANNI — É claro que não, lá te falei não como um anarquista, mas como um velho, um velho operário que não entende muito de livro.

LA QUEIMA ROUPA) Que você está querendo?

GENNARINO — O que?

GIOVANNI — Io tenho bons olhos ainda. O que você está querendo?

GENNARINO — Parar de resistir. Parar de nos defendermos. Não queremos mais ficar contando as derrotas como até agora.

GIOVANNI — Há vinte anos tinha grandes manifestações...

GENNARINO — [IMPACIENTE] No seu tempo, pai...

GIOVANNI — Não fale assim "no seu tempo, pai" — Io ainda não morri, cagati!

GENNARINO — Vê, desculpa.

GIOVANNI — Io não quero desculpa, io quero que você entenda que agora as coisas são diferentes. Getúlio tomou os sindicatos, decretou a lei de segurança nacional e a polícia está nas ruas.

GENNARINO — É exatamente por isso. Se recusamos agora, vamos recuar sempre.

GIOVANNI — Você está querendo medir forças. Não é preciso medir. Io posso ser ignorante mas está claro que eles são mais fortes.

GENNARINO — A Aliança Nacional Libertadora é uma frente de oposição...

GIOVANNI — Mas foi fechada por Getúlio. E aqui em São Paulo quantos operários protestaram? Quinhentos? Mil? Dois mil? Onde estão os cinquenta mil de 13?

GENNARINO — Em 17 os operários não tinha direção.

GIOVANNI — E hoje a direção de vocês não tem operários. Que vocês querem? Com quem vocês querem derrotar Getúlio?

GENNARINO — [BREVE PAUSA. GENNARINO OLHA FIDELMENTE PARA O PAI] Com quem ouvimos, pai. Com quem tivemos.

GIOVANNI — Oia Cenei Filho, lembra quando você saiu pra rua, na revolução de 24, io tive medo. Naquela hora eu tive medo. Medo do que poderia te acontecer. O mesmo medo que tenho agora, porque, sabe, você é meu filho [ENFERMOSAMENTE COM A CONFISSÃO] Ah, cagati!

GENNARINO — [ZOMBEIRO, QUERENDO QUEBRAR O CLIMA CONSTRANGIDOSO E, PORÉM, QUE É FEITO DO VELHO BARACHETA QUE FOI A MAIOR BRIGA COM A MAMMA PARA ELE LEVAR NAS PERNITAS DE 13]

GIOVANNI — O velho Baracheta está aqui com

dois culhões ainda! [CONSTERNADO] Vê, filha, vai brigar e tua briga que seus culhões são mais novos que os meus. [PAUSA] Não você precisa ser de muito mais gente nessa briga. [MARIA SURTE. OS DOIS SE OLHAM]

MARIA — Gennarino!

GENNARINO — Eu já estou de saída. GIOVANNI FAZ UM GESTO PARA GENNARINO E SAIR

MARIA — Quando é que você parte?

GENNARINO — Depois de amanhã. [OS DOIS ESTÃO MUITÍSSIMO CONSTRANGIDOS]

MARIA — [IRÔNICA] Ribeiro também vai trabalhar nessa grande tipografia da Rua.

GENNARINO — [DURO] Eu não quero falar desse assunto.

MARIA — Desde quando me casei a gente não tem conversado.

GENNARINO — Você não tem aparecido muito aqui em casa.

MARIA — Você nunca perdeu o fim da meu casamento com Ribeiro.

GENNARINO — [QUERENDO CORTAR A CONVERSA] Maria, eu...

MARIA — Nós sempre fomos muito unidos. Eu sempre falei que você era meu irmão predileto, embora você fosse o único. Mas se eu tivesse outros dois irmãos você continuaria o predileto.

GENNARINO — Maria eu estou muito assado.

MARIA — Você não perguntou mas estou muito bem assim o José. Pelo menos tenho um pouco de pai.

GENNARINO — Aproveita essa paz enquanto pode [TENTA SAIR, MARIA CORTA-LHE A FRENTE]

MARIA — Espere. Eu queria te dizer muita coisa. Eu não pude ir antes. Com Ribeiro... Eu tive medo... Eu não queria sentir o que a mamma sentiu agora te vendo partir! Você viu? Está sentado à num canto da cozinha. Quem fica perde um pedaço. [ABRÇA O IRMÃO]

GENNARINO — Eu entendo, Maria... [GENNARINO SE MANTÉM RUJO, NÃO QUERENDO CORRESPONDER AO ABRÇO DA IRMÃ, AOS POUCOS CEDE E ABRÇA TAMBÉM]

MARIA — Cuidado, Gennarino. Muito cuidado! Diz ao Ribeiro pra ele também ter cuidado. [GENNARINO]

NABINO SE VOLTÁ BRUSCAMENTE. E VAI SAINDO, NA PORTA VOLTÁ-SE)

GENNARINO — Você também é minha irmã predileta, embora seja a única. (SAI)

CENA 8 — A DIFICULDADE DE SE MANTER NEUTRA EM MEIO AO CONFLITO

(EM CASA, JOSÉ, ENTRA MARIA VINDO DA RUÁ)

MARIA — JÁ? (SENTA-SE) Meus pés estão em fogo.

JOSÉ — Cansou de ficar no serviço até mais tarde. Me deixaram sair. Você vem de onde?

MARIA — De casa do papa. Quer jantar agora? Apresto logo.

JOSÉ — Como vai seu pai? Malvivendo o mundo?

MARIA — Vai indo. Você devia aparecer lá.

JOSÉ — Pô ele desatempar a língua em cima de mim?

MARIA — Tem paciência com ele. O papa é assim...

JOSÉ — É eu sou assado. Eu entro é pela porta que me abrem.

MARIA — Está bem. Não vamos discutir.

JOSÉ — Pô ele a pessoa só presta se ficar as mesmas coisas que ele faz.

MARIA — Você sabe que não é isso.

JOSÉ — Todo mundo tem que pagar de que ele paga.

MARIA — (TENTANDO MUDAR DE ASSUNTO) A mamã perguntou de você.

JOSÉ — Tá! Sua mãe é diferente.

MARIA — Ele sofreu muito na vida, você tem que ver isso.

JOSÉ — É por isso não somos obrigados a fazer a mesma vida que ele. Você mesma disse isso. Ou já esqueceu?

MARIA — Está bem, não vamos discutir mais. Você quer continuar com isso, continua.

JOSÉ — Bom! Quem é implicante e tem birra é ele.

MARIA — Ah, meu Santo Cristo! Estamos parando

de seu Giovanni e dona Carmela discutindo. Chega. Não quero falar mais. (PAUSA)

JOSÉ — (DEPOIS DE UM TEMPO) O Ribeiro tem do quê?

MARIA — (COM NATURALIDADE) Aham! Ele estava lá hoje.

JOSÉ — (CONTRARIADO) O Ribeiro é muito tratado de que eu que sou genro?

MARIA — Vamos deixar meu pai de lado, né.

JOSÉ — Então não reclama que eu não vou na casa do seu pai. E depois, se eu fosse lá eu não gostaria de encontrar esse tal de Ribeiro.

MARIA — Ele é uma pessoa decente.

JOSÉ — É quem disse que ele é indecente? Eu só não simpatizo. E digo uma coisa: esse tal de Ribeiro é principalmente seu irmão ficou torcendo com fogo.

MARIA — Eles fazem o que acham justo.

JOSÉ — Eu não tenho nada contra ninguém. Agora, tem muita gente que tem. E quem culpa mais com cara curta acaba perdendo o tempo.

MARIA — Ô, coisa agourenta! (LUZ COMEÇA A CAIR SOBRE JOSÉ. PONTO PERGUNTA À MARIA)

PONTO — Isso foi em...

MARIA — Logo que me casei com José. Era triste e doloroso.

PONTO — Gennarino ainda não tinha... É que seu pai me contou está quando seu irmão saiu de casa.

MARIA — Não, eu estou te contando um pouco antes.

PONTO — É José? Como era?

GIOVANNI — (ENTRANDO) Era um partido imbecile completo.

MARIA — Papai!

GIOVANNI — É não era?

MARIA — Era uma pessoa simples.

GIOVANNI — Uma simplicidade bastante parecida com a estupidez!

MARIA — Papai, me deixa falar?

GIOVANNI — É claro que deixa. Cede um falo.

que quer, mas cada um também escuta o que não quer.

MARIA — (PARA PONTO) Assim não dá (PARA GIOVANNI) Foi o senhor que casou com ela? Então quem pode falar melhor sobre ela sou eu.

GIOVANNI — Está bem (Eu não falo mais nada) (GIOVANNI ANDA PELA CASA)

MARIA — (Ela era um homem simples. Mas isso não descreve algumas coisas.

PONTO — Quanto tempo você esteve casada?

GIOVANNI — (IRRITADO) Tempo demais.

MARIA — Pagar.

GIOVANNI — (IRRITADO) Está bem. Está bem.

MARIA — No começo, principalmente, a gente viveu bem. O problema maior era ele e meu pai, que não se davam.

GIOVANNI — INÃO SE CONTEMDO DE tanta? Uma colônia só.

MARIA — (IRRITADA) Está bem. O senhor quer falar, sente aqui e fala. Eu não digo mais coisa nenhuma (LEVANTA—SE)

PONTO — Espere (PARA GIOVANNI) Deixe Maria falar, depois a gente conversa.

GIOVANNI — A senhora foi quieta. A senhora veio pra ouvir, não? Ia quero falar. (PARA MARIA) Eu só vou falar uma colônia. Depois você fala o que quiser.

MARIA — Quando é que o senhor vai entender que eu não sou mais uma criança?

CARMELA — Que confusão é esta? Da rua dá pra ouvir vocês gritarem (PERCEBENDO O PONTO, SIMPÁTICA) Bom dia, senhores.

MARIA — (FALANDO JUNTAMENTE COM GIOVANNI) É o papa.

GIOVANNI — É essa sua filha catolizante.

MARIA — Eu estive casada sete anos com ele. Eu conheço ele melhor que o senhor. José era um homem simples, honesto.

GIOVANNI — (INTERROMPENDO, EXPLOSIVO, DANDO UMA "BANANA" PARA MARIA) Aqui, ô. (Ela era um homem simples. Era um peixe morto.

MARIA — É é crime?

GIOVANNI — É certo que não. Mas tu sabe muito

bem o que ela faz no sindicato. É quando eu e tua mamãe estavamos desesperados com a prisão de Gennarino ele não ajudou nada. É porque/ está o teu "homem simples" (UM CLIMA DE AMARGURA DOMINA O AMBIENTE)

PONTO — O que aconteceu nessa época? (PAUSA)

CARMELA — Por favor, senhora. Por favor, Giovanni, não vamos retardar essas coisas.

GIOVANNI — Em trinta e quatro...

MARIA — É, já estava casada com José fazia três anos...

GIOVANNI — (PARA PONTO) Você se lembra de quando Gennarino saiu de casa, não é?

CARMELA — (PARA GIOVANNI) Você me diz que ele ia trabalhar numa grande tipografia. Eu nunca acreditei.

GIOVANNI — (PARA PONTO) Você sabe... Em trinta e cinco os comunistas tentaram derrubar Getúlio.

CARMELA — Giovanni, não.

GIOVANNI — Gennarino sumiu. (CARMELA SAI) Não tivemos notícias. Apareceu em casa dois anos depois.

CARMELA — (ENTRANDO) Filho (SURTI GENNARINO Filho (CORRE ABRÇA—LO) Está magro, Giovanni. Gennarino voltou (GIOVANNI VAI EM DIREÇÃO A ELE)

GENNARINO — Cala a boca, mamãe.

CARMELA — (ESPANTADA) Como manda tua mamãe calar a boca (GENNARINO E GIOVANNI SE ABRÇAM) Giovanni, Gennarino me mandou calar a boca!

GIOVANNI — Está bem, Carmela. Calar.

CARMELA — Mãe...

GIOVANNI — Os vizinhos podem escutar. Ninguém deve saber. Como está filho.

GENNARINO — Bem.

GIOVANNI — Ah, Gennarino (ABRÇAM—SE NOVAMENTE)

CARMELA — Andiamo, Gennarino, vem comer. E não diga mais a tua mamãe pra calar a boca.

GENNARINO — Não, mamãe, eu não vou comer.

CARMELA — Como?

GENNARINO — Eu tenho que ir. Vou buscar alguma roupa.

CARMELA — Não entenda. Onde vai? Giovanni, que acontece?

GIOVANNI — Sóbrio, Carmela, abraça alguma roupa pra lá. Gennarino vai viajar. (CARMELA FICA PARADA) Sóbrio, Carmela.

GENNARINO — Por favor, mamma, rápido! Deixa o papo te explicar. (CARMELA SAI ATÔNITA, OS DOIS HOMENS SE OLHAM)

GIOVANNI — (DEPRIMIDO) É... NÃO... (QUEBRANDO O CLIMA) Como está? Se sente bem de saúde? Sim? E as mulheres? Não se esqueça delas, ah?

GENNARINO — Sim, papa.

GIOVANNI — AH! IMETE A MÃO NO BOLSO E RETIRA DINHEIRO! Toma.

GENNARINO — Não, papa.

GIOVANNI — Fique. Você vai precisar mais que a gente.

GENNARINO — (RECEBENDO) Obrigado. (CARMELA VOLTAR, GENNARINO PEGA SUAS ROUPAS) Bem tenho que ir. (CARMELA SOLUÇA) Cae, papa. (ABRÇA-O)

CARMELA — Está fazendo frio.

GIOVANNI — Força, filha. É vontade.

GENNARINO — Fica tranqüilo, Mamma... (ABRÇA-M-SE) Eu volto assim que puder. (DEPARA-SE DA MÃE)

CARMELA — (TIRA UM CACHECOLO DO PEITO DOÇO E ENTREGA A GENNARINO) Leva, filho. Está fazendo muito frio. Cobre bem o pescoço.

GENNARINO — Graças, mamma. (PEGA O CACHECOLO E SAI)

CARMELA — Porque a gente não tem pai? O mundo vai envolvendo a porta e entrando dentro de nossa casa. Lá há paura.

CENA 9 — MÚLTIPLOS ACONTECIMENTOS PARA DESNUDAR AS PESSOAS.

MARIA FAZ SEU DEPOIMENTO AO PONTO, MISTURANDO O DEPOIMENTO (PRESENTE) COM AS SENSações DA PAIXÃO (PASSADO)

MARIA — Eu digo essas coisas pra você... Coisas que nunca disse pra ninguém. Até hoje, pra mim,

é difícil entender aquela época. O José era... Eu me dividia. Eu era filha de um homem que exigia da família quase que uma herança de rebeldia. De dia isso me atormentava. Eu não sabia onde estava meu irmão, nem Roberto. Perseguido. Mas é nome, quando José me segurava pela cintura e me apertava... Eu abandonava as preocupações... É verdade? É verdade, José?

JOSÉ — Seu pai está seguindo meu rastros?

MARIA — É verdade?

JOSÉ — É. O que tem de mais? Seu pai também já foi do sindicato.

MARIA — O sindicato está com interventor.

JOSÉ — É ou sou o interventor? Sou o diretor daquela festa? Sou o quarto ou quinto secretário, nem sei. Uma palavra assim, eu não apino nada, nem quero.

MARIA — É porque acobrou?

JOSÉ — Porque me indicaram. O gerente. É porque essa cara? Eu devia mandar o gerente à merda? Isso o seu pai fez e no outro dia estava no olho de rã.

MARIA — Quem é o Silveira?

JOSÉ — Seu pai mandou perguntar, né? O Silveira é da polícia.

MARIA — É o que é que você tem com ele?

JOSÉ — Como o que eu tenho com ele? É que diabo de ficar perguntando é isso? Toda reunião do sindicato tem que ter um agente da polícia. A ele da assembleia tem que ser levado na polícia, política, você sabe disso?

MARIA — É porque meu pai mandou perguntar?

JOSÉ — Vai perguntar pra ele, porque? Com certeza ele deve achar que eu estou delirando coisas. Velho intrigante!

MARIA — José?

JOSÉ —(Eu já estou chato! Na firma tem colega que me olha torto. Agora, teu pai)

MARIA — Meu pai não disse nada.

JOSÉ — Mas pensou!

MARIA — Sei dessa coisa engraçada já que dá tanto problema.

JOSÉ — Como sei? Estou com a consciência tranqüila. Não vou dar tróia pra quem anda falando

demais. Não sou interventor, não sou de política política, não sou delator e quando nasci o mundo já estava feio! E não me venha mais com essa conversa! Não me meto em política. Eu quero paz. Seu irmão e seu pai quiseram abençoar o mundo com as pernas. Foi o resultado. Eu só quero uma vida decente! E vou dormir. Pensei que aqui em casa estava livre dessa felação. (SAI)

MARIA – Duabo ILUZ CAI SOBRE MARIA E SOBRE GIOVANNI E CARMELA

CARMELA – Estava lembrando a filha.

GIOVANNI – Eu já nem lembro mais.

CARMELA – Ninguém esquece mais de lá.

GIOVANNI – Mãe, em compensação não também não esqueçamos, ah? (OI AMARELO) Lá é verão, agora.

CARMELA – É. Lá é verão, agora. Não nunca mais vamos voltar?

GIOVANNI – Não, cara.

CARMELA – A gente pensava ficar cinco ou seis anos. Estamos lá mais de trinta. (PAUSA) E. Querinos?

GIOVANNI – Deve estar bem.

CARMELA – Às vezes tenho um pressentimento.

GIOVANNI – Mãe viva essa ideia! Ele é adulto. Ele sabe se cuidar. (PAUSA, PREOCUPADO) Cáspita!

CARMELA – Essa casa era pequena. Sempre cheia. Agora é grande. Sobramos só nós os dois.

GIOVANNI – Como sobramos? Gennarino volta qualquer dia. E Maria, embora casada com um intelectual, ainda é nossa filha.

CARMELA – Mas estão grandes. Já tem a vida deles. Estamos envelhecendo.

GIOVANNI – Mãe vi, cara. Ainda fazemos coisa que muito parentinho não faz. (COM MALÍCIA) Não é verdade?

CARMELA – Mas não vem com essa conversa!

GIOVANNI – É o sangue. Meu nome com intenção e cinco anos estava aí. E, cumprindo (SAUDOSO) E. Não! Hoje é só um pedaço de mapa. (CARMELA COMEÇA A CANTAR UMA MÚSICA QUALQUER, ITALIANA) Cai, filha, sem apan. (MÓ IDOLO DE GIOVANNI, CARMELA SENTA, OS DOIS CANTAM, ILUZ CAI E SOBRE CARMELA)

MARIA – (PARA PONTO) Estou contando tudo em pedações. Certo o que se prendeu mais forte na memória.

PONTO – Ele continuava no sindicato?

MARIA – Continuava, continuava. Ele me falou sempre que tinha saído de Minas pra não voltar, pra fazer a vida aqui. Falavam muito coisa dele. Eu não acreditava. E eu digo, ele não delatou ninguém. Ele só defendia o seu lugar na vida. É crime? No final de trinta e sete, Gennarino foi preso. (MONOPLOSTIA DE GETÚLIO VARGAS INSTALANDO O ESTADO NOVO, JOSÉ SURTI E ABRAÇA MARIA POR TRÁS)

JOSÉ – Advinta?

MARIA – José dos Passos, ministro de Corinto

JOSÉ – Que está fazendo de bom?

MARIA – Nada estou pensando.

JOSÉ – Em que?

MARIA – Em coisas, em coisas.

JOSÉ – Viu sua mãe?

MARIA – Hum-hum. (PAUSA) Eles envelheceram e eu não tinha percebido. A mamãe está com reumatismo. O papai com falta de ar.

JOSÉ – Na idade deles é natural.

MARIA – A mamãe está morrendo de medo com essa onda de prisão.

JOSÉ – É. A situação não está nada boa.

MARIA – É o teu Getúlio.

JOSÉ – Não começa, Maria.

MARIA – Você não defendia o homem?

JOSÉ – Não defendia coisa nenhuma! Não sou o terror, mas também não posso ser contra um homem que tem um guarda em cada esquina, que tem na mão polícia, sindicato, força, tudo!

MARIA – (DESPERADA) Duabo!

JOSÉ – Você critica seu pai porque ele sabe pra fazer política e largar tudo em casa. Eu não sei. Eu cuido da minha casa e da minha família?

MARIA – Está bem, José.

JOSÉ – Você não me tomou engravidada. Sabe como eu era. (TOCA UMA CAMPANHA, OS DOIS SE OLHAM, MARIA SAI PARA ATENDER)

MARIA - (FORA) Ribeiro (PAUSA, REAÇÃO DE JOSÉ. MARIA ENTRANDO COM RIBEIRO) Onde você estava? É Gennarino? Onde é que está? Ele está bem? (EMOCIONADA E COM RAÍ) VAI! Para falar Gennarino José, meu marido?

RIBEIRO - Como vai? JOSÉ RESPONDE FRIAMENTE! Maria, estou ali de passagem.

MARIA - Você já viu o papa e a mamãe?

RIBEIRO - Já.

MARIA - É Gennarino?

RIBEIRO - Já falei com seu pai. Ele não quer que sua mãe saiba. Ele está muito nervoso. Gennarino foi preso.

MARIA - Preso?

RIBEIRO - Aqui em São Paulo. Não sabemos onde está. Precisa atenção. Eu não posso ficar andando por aí. Precisamos saber onde ele está.

MARIA - José você pode

JOSÉ - (ESPANTADO) Eu posso o quê?

MARIA - Tentar saber onde está Gennarino. Com a Silveira.

JOSÉ - Eu sei que algum dia ia dar nisso! Você também sabe! Você procuraram. Tá. Deixa o enfiado, o idiota sou eu!

MARIA - Agora não é hora disso, José.

JOSÉ - Saíram para a mansura, não saíram? É agora?

MARIA - É agora a gente precisa saber onde está Gennarino. Fala com Silveira.

JOSÉ - Eu não tenho nada com o Silveira, não conheço a mãe e nem a família dele e não como na casa dele!

RIBEIRO - Eu já vou, Maria.

JOSÉ - Vai, vai fazer a revolução. Você vem e não se importa com os que ficam. Quanto as coisas não são como você costuma pra pedir ajuda.

RIBEIRO - Se você quer ajudar, ajuda, mas eu e Gennarino dispensamos seu auxílio Maria...

MARIA - Espere. Não custa falar com o Silveira, José.

JOSÉ - Não tenho nada com o Silveira, já disse!

MARIA - (EXALTADA) Não é o que se pode dizer por aí!

JOSÉ - (VAI ESPLODIR COM A MULHER MAS SE CONTÉM. FALA AMARCO) Você também?!

MARIA - Desculpa. Não sei o que faço. Por favor...

JOSÉ - (APÓS PAUSA) Está bem.

MARIA - Eu vou na casa do papa. Você vem?

JOSÉ - É melhor eu ficar.

RIBEIRO - (Eu vou com você até a metade do caminho. JOSÉ FICA PENSATIVO ALGUNS INSTANTES. A LUZ CAI E SOBRE SOBRE GIOVANNI E PONTO)

CENA 10 - A MORTE DE GENNARINO

GIOVANNI - (PARA PONTO) Um dia bataram em casa. Um companheiro de Gennarino que eu conheço de vista. Ele me deu a notícia. (COBRE O ROSTO COM A MÃO)

CARMELA - (PARA PONTO) Desculpa, senhora, eu tem coração fraco.

GIOVANNI - Sim! Não dá pra falar. Gennarino era muito querido.

CARMELA - Não Giovanni, não lembra.

GIOVANNI - A gente soube dois meses depois que ele...

CARMELA - Desculpa, moço, volte outro dia.

PONTO - Está bem. Eu volto outro dia e o senhor continua a história.

GIOVANNI - Não! É preciso falar para que todo mundo saiba que no mês de maio de 1938 não foi um cachorro que morreu. Foi Gennarino Berchett! É conta um pai, uma mãe e uma irmã!

CARMELA - (PARA O PONTO) Eu nem sei se que ele estava preso. Giovanni não me contou. (PARA GIOVANNI) Essa política maliciosa!

GIOVANNI - Não foi a política, Carmela. Foram os donos dela.

CARMELA - (APROXIMANDO-SE DE GIOVANNI) Já chega, Giovanni. Andamos. Desculpa, moço, o maluco falou que ele não pode se emocionar.

GIOVANNI - Estou velho. Já contei toda minha vida. A morte de Gennarino me amoleceu.

CARMELA - Vamos, Giovanni.

GIOVANNI - Ele não foi o primeiro, nem o último.

me. (EXPLODINDO) Me disser! Ele se chamava Gennaro Barachetta e era meu filho!

CARMELA — (PEGA GIOVANNI PELO BRAÇO QUE SE DEIXA LEVAR) Dai, anelamo, dai. (SAEM ABRAÇADOS EM DIREÇÃO AO FUNDO)

GIOVANNI — (VOLTANDO-SE PARA O PONTO) Me lo non sou Madelena ampendida. Non me ampendo de nada, até clari? (PARA CARMELA) Ma, Carmela, io sei andar sozinho, não sou entreado, ah? (SAEM PARA PONTO CLAR)

PONTO — (CONSIGO MESMO) Ele não foi o primeiro nem o último. A vida e a história seguem numa sucessão de muitas mortes. Não existe espaço para a dor individual.

GIOVANNI — (OFF, MAS SE REFERINDO AO PONTO) Cala a boca, você! (Ele se chamava Gennaro Barachetta e era meu filho) (PAUSA, PONTO FICA PENSATIVO ALGUNS MOMENTOS) Sou eu (PAUSA) Os profetas falaram a muito tempo e profetizaram a destruição e o arreio. Mas, mais forte que as profecias, mais longe que a duração das profecias é a alma. É a luz do homem. ILUZAÍ EM RESISTÊNCIA SOBRE PONTO PARA SE ACENDER DO OUTRO LADO ONDE ESTÃO MARIA E JOSÉ. JOSÉ ESTÁ SENTADO MAIS AO FUNDO DO PALCO, CABESBAIXO

CENA 11 — DESPEDIDA

MARIA — É. Éra impossível ser neutra naquela época. E ainda a gente iria sempre forçar pra tomar posição?

JOSÉ — Maria (MARIA SE LEVANTA E ABRUBA SUAS COÍSLAS) Maria, me responde, pelo menos.

MARIA — Sim, José.

JOSÉ — Eu sei o que você deve estar sentindo.

MARIA — Não sei.

JOSÉ — Você está nervosa. Não sabe o que está fazendo.

MARIA — Sim.

JOSÉ — (EXPLODINDO) Então vai! Vai por essa porta e não volte mais! Vai procurar o seu amigo namorado que agora você já nem prefere!

MARIA — Cala a boca!

JOSÉ — (PAUSA, JOSÉ SORRI, PASSA A MÃO NO ROSTO COM FORÇA TENTANDO RELAXAR) Eu nunca detatei ninguém. Ninguém pode dizer que fui prejudicado por minha culpa.

MARIA — Eu acredito.

JOSÉ — Eu tentei ajudar. Foi falar com o Silveira. Ele falou pra eu não mexer nisso, inventa. Ele me ameaçou. Seu irmão morreu, sei como você se sente.

MARIA — Não sei.

JOSÉ — Que culpa eu tive?

MARIA — Nenhuma.

JOSÉ — (SEGURA MARIA) (vendo, porque?) (ABRÇA-A) Fica.

MARIA — (SEM CONFLITO) Por favor, não faz isso.

JOSÉ — Eu gosto de você. A gente sempre se gostou.

MARIA — Eu não posso!

JOSÉ — (SE SOLTANDO BRUSCAMENTE DE MARIA, COM RAIVA) Então bem, Eu não posso mais nada. Fica o que você quiser.

MARIA — O que aconteceu é isso...

JOSÉ — (CURTA GRITANDO) Eu não quero ouvir mais nada! (MARIA SE CALA, PAUSA) (JOSÉ, SEM SE MOVER E SEM OLHAR PARA MARIA) Fica, Maria, por favor.

MARIA — Essa época foi muito dura, muito forte pra nós. Nos empurrou.

JOSÉ — Eu não pretendia mais que uma vida simples, serena.

MARIA — O mundo estava pegando fogo e nós o fazíamos se ofusar.

JOSÉ — Você nunca sentiu vontade de ter nascido em outra época?

MARIA — Tentamos ser disso tudo, mas como pé-pegado, certamente como disse meu pai.

JOSÉ — Meu pai?

MARIA — Meu pai. Tentei ser neutro e recuá de dos dois lados.

JOSÉ — Eu não te dei tiro.

MARIA — Não fale de você. Você foi sempre honesto. Foi honesto que ainda continue neutro, e não posso continuar.

JOSÉ — Você ainda me ama?

MARIA — Talvez como elas não oferecem até po

gras. Como se pode amar correndo tantos riscos? Correndo risco de nunca mais ver a pessoa que se amava? Semearna. Você mararia outras pessoas, não eu.

JOSÉ — Eu quis você.

MARIA — Não fale mais.

JOSÉ — Prá onde você vai?

MARIA — Não sei. (COM DETERMINAÇÃO) Se sei que esse tempo que me angustia vai ter que me comover de volta. Viva! Ai, então, vou amar de novo. Sem medo.

JOSÉ — Você vai com Ribeiro?

MARIA — Não.

JOSÉ — Se sair por aquela porta é prá sempre.

MARIA — Eu sei.

JOSÉ — Fica.

MARIA — Cae, José. (DIRIGE-SE PARA A PORTA ENQUANTO A LUZ CALI)

CENA 12 — RÁPIDO REENCONTRO

(MARIA E RIBEIRO ESTÃO UM DEFRONTE OUTRO À MÉDIA DISTÂNCIA)

RIBEIRO — Onde você está?

MARIA — Na casa do papai.

RIBEIRO — Você está bem?

MARIA — Estou ficando bem. Quando você sair de prisão?

RIBEIRO — Há um mês.

MARIA — Você não se cansa de volta e mais e mais e pra lá?

RIBEIRO — Eu estou cansado. É a polícia que não cansa de me prender. (MARIA SORRI) Também não é tanto assim. Essa foi a segunda vez.

MARIA — Que está fazendo?

RIBEIRO — O de sempre. (Como está seu pai?)

MARIA — Bem. Um pouco mais velho.

RIBEIRO — Você continua bonita. (TENTA SE APROXIMAR) Maria, não.

MARIA — (CONTANDO MAS SEM DUREZA) Não fala, Ribeiro.

RIBEIRO — Foi uma época dura. Não sobreviveamos.

MARIA — Foi. Mas eu estou mais interessada nessa época que vem. As manhãs são sempre melhores.

RIBEIRO — A gente sobrevive é prá responder. Sempre.

MARIA — Eu vou indo. (NÃO SAI DO LUGAR)

RIBEIRO — Você está bem.

MARIA — Nãohum. (SORRI)

RIBEIRO — É o li que os índios mostram com orgulho as cicatrizes de guerra.

MARIA — Eu sou do índio. É longe do Amazonas.

RIBEIRO — Eu vou indo, Maria. (NÃO SE MOVE DO LUGAR)

MARIA — As manhãs são sempre melhores.

RIBEIRO — Os que sobrevivem tem a obrigação de responder.

MARIA — As manhãs são sempre melhores.

RIBEIRO — Eu vou indo, Maria.

MARIA — Eu vou indo, Ribeiro. (NENHUM DOS DOIS SE MOVE. LUZ FICA ALGUM TEMPO E DEPOIS CAI LENTAMENTE)

CENA 13 — A MORTE DO VELHO ANARQUISTA

GIOVANNI — Que hora é, Carmela?

CARMELA — Cinco e meia. Eu já trago a janta.

GIOVANNI — Não tanto fome. É maltrataras, filha. A gente fica preocupado em viver e não tem cabe o tempo pensar. Recorde a filha?

CARMELA — Com duas guerras a filha deve estar por de que quando saímos.

GIOVANNI — Não está, outra filha. A música, as festa, os campos. (CANTANDO UMA MÚSICA QUALQUER) Me emociona lembrar. As vezes eu penso que filha foi um sonho que tive há muito tempo atrás.

CARMELA — Giovanni...

GIOVANNI — Sai, sai... O conselheiro. Que coisa de não tem que nem possa ter lembranças! (FOCO SE ACENDE SOBRE RIBEIRO)

RIBEIRO — Uma época nova, seu Giovanni. O fascismo está sendo derrotado em toda frente. O exército alemão foi batido em Stalingrado. A democracia avança. (FOCO SE APAGA)

GIOVANNI — Époça nova! Estou muito velho pra ela, Ribeiro. Carmela, quanto tempo foi que não nós... (ISTO É EMBARAÇADO DE RELAÇÃO SEXUAL...) ah!

CARMELA — Giovanni! Que conversar?

GIOVANNI — Como que conversar! É só conversar porque fazer mais... Também queria porcaria (A PONTA O SEIO) antes antes da gente (E)? Quanto tempo?

CARMELA — Velho, mas continua descontrolado. Pára de falar essas coisas!

GIOVANNI — Antigamente não era "essas coisas". Daí, quanto tempo?

CARMELA — Mã, Giovanni, não sei! Deve fazer cinco anos.

GIOVANNI — Madonna mia! Estou velho há mais tempo que pensar! Mã como tu sabe que faz cinco anos? Andou contando a saudade, ah? Saudades, hein Carmela?

CARMELA — Mã que!

GIOVANNI — Fala a verdade. Tu não sente saudade?

CARMELA — Giovanni...

GIOVANNI — Fala a verdade! (E)?

CARMELA — Bom... Sim, claro. Eu era mais nova... Não tinha reumatismo... Mã, basta!

GIOVANNI — Mã que reumatismo! A gente tinha fogo no sangue.

RIBEIRO — (IDEM ACIMA) O exército aliado está chegando à Alemanha. A guerra está no fim.

GIOVANNI — Os aliados vão invadir a Alemanha?

RIBEIRO — Com certeza. O nazismo vai ser derrotado pela nós.

GIOVANNI — Então os aliados podem, quando forem pra Alemanha, cortar caminho pelo Rio de Janeiro e bater pra fora o Getúlio.

RIBEIRO — Não vai ser preciso. A ditadura está no fim. O povo está de volta às ruas. E você, seu Giovanni? (FOCO SE APAGA)

GIOVANNI — Eu? Eu sou só um velho que já não se aguenta mais.

CARMELA — Mã que tá falando, Giovanni?

GIOVANNI — Nossa vida foi grande coisa, mas teve momentos muito bons, não é verdade, Carmela? Lembra quando chegamos no Brasil? Eu, tu, Gennarino... (PAUSA) Caxaci Grande bosta, lá vem o filho.

CARMELA — Giovanni...

GIOVANNI — Já sei, já sei! Meu consócio! Ah, que esta desgraçada entrou de vez!

CARMELA — Dói! Não fale assim!

GIOVANNI — É isso. Não posso levantar peso, não posso andar muito e agora não posso nem — correr? (E) Eu lembro sim e se essa imbecil quiser esquecer, que esquecer! Eu lembro. Lembro e me emociono porque sempre tivemos fogo. Fogo pra amar, pra trabalhar, pra brigar... Fogo pra morrer e pra ver morrer. (PARA O PEITO) Esquece! Esquece a imbecile que lá quatro vir. Esquece tudo, esquece a morte (CARMELA CHORA) Calta, Carmela. Não chore! Eu não respeito a morte. E se tiver que morrer, morro dizendo "perachia" e todos filhos de puta do mundo (PAUSA, GIOVANNI SE ACALMA) Está vendo, bella? O coração não esqueceu. Uma época nova, bella. A vida começa. Cara, te voglio bene. Oito pra mim, Bella, te voglio moltissimo bene. Não chora. Amo-te, bella... muito forte... bella... bella... bella ciao, ciao, ciao, bella ciao... lembra? Bella ciao, ciao, ciao...

IAOS FOCOS OS ATORES VÃO ENTRANDO E CANTANDO A CANÇÃO "BELLA CIAO", MAS DE MANEIRA FORTE, RASGADA, SILABAS MARCADAS. À PARTE, SONS DE ENQUENAGENS E APITOS DE FÁBRICA. OS ATORES ENTRAM TODOS E SE POSTAM AO LADO DE GIOVANNI QUE JAZ EM UMA CADEIRA POLTRONA.)

FIM

ESTA PEÇA SÓ PODERÁ SER REPRESENTADA, NO TODO OU EM PARTE, SEJA POR QUE PROCESSO FOR, MEDIANTE AUTORIZAÇÃO EXPRESSA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.

(SBAT)

SOCIEDADES ESTRANGEIRAS REPRESENTADAS PELA "SBAT"

- ARGENTINA** - Sociedad General de Autores de la Argentina (ARGENTARG)
BÉLGICA - Société Belge des Auteurs, Compositeurs et Editeurs (SABAM)
BOLÍVIA - Sociedad Boliviana de Autores y Compositores de Música (SOBOBOLACOM)
CHILE - Sociedad de Autores y Terminales de Chile (SATCH)
COLÔMBIA - Sociedad de Autores y Compositores de Colombia
ESPAÑA - Sociedad General de Autores de España (SGAE)
FRANÇA - Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques (SACD)
FRANÇA - Société des gens de Lettres (société des écrivains)
ISRAEL - Société des Auteurs, Compositeurs et Editeurs en Israël (ISOLM)
ITALIA - Società Italiana Degli Autori ed Editori (SIAE)
MEXICO - Sociedad general de
MEXICO - Sociedad General de Escritores de Mexico (SOGEM)
PARAGUAI - Autores Paraguaios Asociados (APA)
POLÔNIA - Związek Pisarzy Autorów i Twórców (ZPAT)
PORTUGAL - Sociedade Portuguesa de Autores (SPA)
PORTUGAL/ARGENTINA - SCA - Twórców and Literat. Argent.
URUGUAI - Sociedade de Autores de União Soviética (URASO)
URUGUAI - Associação General de Autores do Uruguai (UGAGU)
VENEZUELA - Sociedad de Autores y Compositores de Venezuela (SACOVEN)

SOCIÉDAS E AGENCIAS DA "SBAT" NAS CAPTAL

- ARGENTINA** - Sociedad General de Autores de la Argentina (SARGENTARG) - Av. Corrientes, 274 - Buenos Aires - 1080 - Tel. 571 8011 - Fax 571 8011 - e-mail: sargentarg@comcast.com.ar
BOLÍVIA - Sociedad Boliviana de Autores y Compositores de Música (SOBOBOLACOM) - Calle 18 de Mayo 1000 - La Paz - 2400 - Tel. 221 2211 - Fax 221 2211 - e-mail: sobobolacom@bolivia.net
CHILE - Sociedad de Autores y Terminales de Chile (SATCH) - Calle 18 de Mayo 1000 - La Paz - 2400 - Tel. 221 2211 - Fax 221 2211 - e-mail: satch@chile.net
COLÔMBIA - Sociedad de Autores y Compositores de Colombia (SACOL) - Calle 18 de Mayo 1000 - La Paz - 2400 - Tel. 221 2211 - Fax 221 2211 - e-mail: sacol@colombia.net
ESPAÑA - Sociedad General de Autores de España (SGAE) - Calle 18 de Mayo 1000 - La Paz - 2400 - Tel. 221 2211 - Fax 221 2211 - e-mail: sgae@espana.net
FRANÇA - Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques (SACD) - 10, rue de Valenciennes - 75013 Paris - 01 47 78 11 11 - Fax 01 47 78 11 12 - e-mail: sacd@franca.net
FRANÇA - Société des gens de Lettres (société des écrivains) - 10, rue de Valenciennes - 75013 Paris - 01 47 78 11 11 - Fax 01 47 78 11 12 - e-mail: societedesecrivains@franca.net
ISRAEL - Société des Auteurs, Compositeurs et Editeurs en Israël (ISOLM) - 10, rue de Valenciennes - 75013 Paris - 01 47 78 11 11 - Fax 01 47 78 11 12 - e-mail: isolm@israel.net
ITALIA - Società Italiana Degli Autori ed Editori (SIAE) - Via del Corso 1000 - Roma - 00187 - Tel. 06 47 78 11 11 - Fax 06 47 78 11 12 - e-mail: siae@italia.net
MEXICO - Sociedad General de Escritores de Mexico (SOGEM) - Calle 18 de Mayo 1000 - La Paz - 2400 - Tel. 221 2211 - Fax 221 2211 - e-mail: sogem@mexico.net
PARAGUAI - Autores Paraguaios Asociados (APA) - Calle 18 de Mayo 1000 - La Paz - 2400 - Tel. 221 2211 - Fax 221 2211 - e-mail: apa@paraguay.net
POLÔNIA - Związek Pisarzy Autorów i Twórców (ZPAT) - ul. Krakowska 1000 - Warszawa - 00187 - Tel. 06 47 78 11 11 - Fax 06 47 78 11 12 - e-mail: zpat@polonia.net
PORTUGAL - Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) - Rua da Boavista 1000 - Lisboa - 1000 - Tel. 21 221 2211 - Fax 21 221 2211 - e-mail: spa@portugal.net
PORTUGAL/ARGENTINA - SCA - Twórców and Literat. Argent. - Calle 18 de Mayo 1000 - La Paz - 2400 - Tel. 221 2211 - Fax 221 2211 - e-mail: sca@portugal.net
URUGUAI - Sociedade de Autores de União Soviética (URASO) - Calle 18 de Mayo 1000 - La Paz - 2400 - Tel. 221 2211 - Fax 221 2211 - e-mail: uraso@uruguay.net
URUGUAI - Associação General de Autores do Uruguai (UGAGU) - Calle 18 de Mayo 1000 - La Paz - 2400 - Tel. 221 2211 - Fax 221 2211 - e-mail: ugagu@uruguay.net
VENEZUELA - Sociedad de Autores y Compositores de Venezuela (SACOVEN) - Calle 18 de Mayo 1000 - La Paz - 2400 - Tel. 221 2211 - Fax 221 2211 - e-mail: sacoven@venezuela.net